

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . . . 12\$000  
 Numero avulso 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob).  
 OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

O sympathico general Glycerio, um dos mais atilados politicos contemporaneos, disse, no Senado, quando se discutia a licença para o processo do sr. Lauro Sodré, que os homens mudam de opinião conforme as circumstancias.

Se s. ex. fôsse um cultor da lingua de Cicero, teria repetido o *sapientium est mutare consilium*. Preferiu, porém, parodiar o brocardo popular — só os burros não mudam de opinião, amenizando a fórmula de um conceito que, por mais severo que se figure aos melindres carrancistas, não deixa de ser profundamente verdadeiro, para debuchar as crises de fraqueza, de vacillações, em que o maior numero mette num sacco os principios, as idéas e a violá, suppondo ser agradável a Cesar.

O caso em discussão não era novo. Em quinze annos de Republica, o Senado e a Camara se têm achado na dolorosa contingencia de emittir a sua augusta opinião sobre elle, em arêstos luminosos, adubados de jurisprudencia americana, succulento mólho de erudição, como devem ser as deliberações de corpos collectivos, onde se condensam as luzes, o saber e o patriotismo da nação, em peregrina essencia.

O caso não era novo; devia, por consequente, a jurisprudencia sobre elle estar firmada de pedra e cal, luminosamente, estreme de duvidas, num reducto de hermeneutica impermeavel á cnicana, sem bréchas de conveniencias, sem rachas que denunciasssem a fragilidade de argamassa, cedendo aos assaltos das intemperies, á catapulta fatal do dia depois do outro. O caso era velho, mas as circumstancias são sempre novas, engendrando o que, em politica, constitúe o opportunismo, que é uma especie de brisa suave a impulsionar as ventoinhas das opiniões abalissadas dos sabios, dos patriotas, dos conductores de povos para as conquistas da liberdade. Por isso, o conceito do general Glycerio, mesmo rebuçado de ironias, é profundamente verdadeiro.

Os homens superiores não têm opiniões fixas. Como annuncios pregados em muralhas, ellas devem variar de accordo com as oscillações do mercado, conforme a procura e a offerta dos artigos de mercancia, mais favoreados pelo embotado gosto do publico, os

aperitivos miraculosos, as panacéas de filtros engenhosas para attenuarmos cruciantes dispepsias, nas varias fórmulas dessa nevrose moderna.

Os hirtos *gentlemens* inglezes mudavam o córte das calças, do paletot, o nó da gravata, a fórmula do chapéo, não por um capricho da móda, mas por inspiração divina que vinha do alto, do ex-principe de Galles, a quem o pezo da corôa não privou da eminente função de *leader* da elegancia nas ilhas e no continente.

Ha, portanto, em todos os planos de vida social, uma força impulsiva, uma força mysteriosa, omnipotente, fatal como o destino, da qual emana o determinismo das circumstancias, influindo na tempera do pensamento dos homens, formando um molde onde elle, como o metal e a cêra em fusão, se entórnham e se solidificam em opiniões rijas, ou formando um macio colchão de penas, onde a opinião se estira, se acomóda, suavemente, para as somnécas restauradoras de cerebros muito torturados pelas locubrações patrioticas.

Antigamente, quando um homem mudava de opinião, dizia-se que havia virado a casaca, ficando na attitude grotesca de um ridiculo carnavalesco. Hoje, em dia, as casacas não têm fórrô: pôdem ser viradas impunemente, sem perturbarem a compostura, a elegancia do traje.

E tanto isso se radicou nos costumes da nata social, que o saber mudar de opinião é uma qualidade de primôr na industria, nas artes, na politica, onde os casmurros, os pé-de-boi, a corja de radicaes aferrados ás opiniões, idéas e principios, são suspeitos, refugados por inconvenientes, por infractores refractarios da disciplina e da ordem, os dois elementos essenciaes á efficacia dos actos humanos.

Em tudo, na vida affectiva como na vida material, e até respeito aos phenomenos naturaes mais vulgares, as circumstancias dominam as opiniões: toda a gente se queixa do sol tostante dos dias de verão; todos abençoam, como um dom divino, o fulgor de seus raios beneficos na quadra hibernal.

Tem razão o illustre general: s. ex. viu no fundo das almas, e fez, de um traço firme, a psychologia do pessoal.

Por falar de opinião, vem a proposito o projecto do sr. Medeiros e Albuquerque, o prodigioso trabalhador de

aptidões diversas em todos os terrenos de actividade do pensamento, sempre externado com excepcional precisão de vistas, e um solido criterio, quer elle pontifique na critica litteraria, quer aprecie os factos e os homens, da tribuna da Camara ou na *Ordem do Dia*, que já se tornou um dos assumptos predilectos dos incontaveis leitores d'*A Noticia*.

Medeiros e Albuquerque pretende, com o seu projecto, defrontar um perigo, humanisar o frade, tiral-o do meio de privilegios divinos para reduzil-o a cidadão de carne e osso, obrigado a todos os onus que as leis impõem aos brasileiros. E cada um dos artigos do formidavel projecto transsubstancia apurado estudo das multiplas faces do problema; contém, em uma synthese admiravel, a idéa e a justificação com a firmeza de quem faz obra de convicção e de coragem.

Não se impugna o exercicio do sacerdocio; não se proscvem as praticas religiosas, que continuarão a ser uma das prerogativas da liberdade de pensamento, comtanto que fiquem dentro dos limites das leis organicas da sociedade.

Esse projecto foi recebido com especial frieza pela Camara: não houve manifestações de agrado ou de repulsa; as consciencias dos representantes da nação, dominadas por uns restos de superstição, ou, na maioria, pelo receio de manifestações imprudentes, metteram-se nas encóspias, aguardando, talvez, a opinião dos chefes sobre esse gravissimo caso, que muito bem pôde suscitar uma questão politica de transcendental alcance, dadas as relações amistosas, mantidas por vinculos tradicionaes, pela ternura do namôro entre o principe da igreja fluminense e o governo.

O sr. Medeiros e Albuquerque emprehendeu precaver o paiz contra os resultados da immigração de frades evadidos, como elementos perniciosos, dos mais cultos paizes do mundo.

Nós não somos inimigo do padre, seja elle um vencido pelas decepções, escabriado pelos enganos e chiméras do mundo, seus encantos, tentações e torpezas, ou um convicto delle afastado por vocação, por tendencias irresistiveis para as mysticas idealisações da fé, entregando-se a uma vida de sacrificios, de abstenções, com os quaes está muito certo de concorrer para a absolvição dos peccados, para a resurreição da carne, ou para mitigar os

soffrimentos provocados por molestias, miserias, maguas moraes e outros males deste valle de lagrimas.

Veneramos o homem que, superior á sua carne, se esterilisa, abandonando todos os gozos, todos os deliciosos vicios tolerados, que constituem o melhor quinhão de felicidade da maioria dos mortaes. Um homem desses é um forte, um victorioso na lucta heroica contra si mesmo, contra os instinctos que governam, despoticamente, a especie.

Mas... nos apavoramos diante dos frades congregados, recordando o que fizeram nas Filipinas, mantendo, durante trez seculos, uma população de quasi dez milhões de habitantes, na mais escura ignorancia, de olhos vendados pelas mais grosseiras superstições, muito visinhas de um fetichismo selvagem. Numerosos, senhores absolutos da terra, que permanecia estéril, miseravel, em tórno dos conventos, elles não souberam continuar a obra dos martyres, nem se modelaram ás exigencias da civilisação: a sua função foi a de uma barreira negra, inexpugnável.

O Brazil não precisa da catechese desses frades; passou o tempo das missões, em que elles fôram verdadeiramente uteis. Para as nossas necessidades espirituas, é sufficiente o nosso padre secular, inoffensivo, vivendo, como um amigo, no meio da sociedade, ajudando-a, na medida de suas forças, a progredir, a crescer, sem estardalhaços pharisaicos, sem esses luxos de devoção, que estão agóra em móda, de resultados negativos para as conquistas da fé e da civilisação.

POJUCAN.

### Um prologo de Medeiros e Albuquerque

#### III

A incompatibilidade do milagre com o espirito da critica, segundo Lecky, torna impossivel a sua realisação num meio culto ou philosophico.

Wallace não se confórma com essa affirmacão, e rebate-a com o facto de existirem actualmente no mundo civilisado e principalmente nos centros academicos e no seio de muitas sociedades sabias, uma infinidade de pessôas, que, pelo testemunho dos proprios sentidos, acreditam nos phenomenos que Lecky e outros qualificam de miraculosos e, por consequente, de incriveis. Ao contrario de ser indicio de um certo estado da sociedade ou expressão normal de uma dada phase do conhecimento ou da capacidade intellectual, semelhante crença existiu em todos os estados de desenvolvi-

mento da sociedade. Assim, vemos que Socrates, Plutarcho e Santo Agostinho deram delles testemunho pessoal, o mesmo fizeram os reformadores Luthero e Calvino; e na Inglaterra, todos os philosophos e homens competentes até sir. Matheu Hale, attestam factos semelhantes. Enorme é a lista dos homens de sciencia, professores, medicos e magistrados que, ao tempo em que Wallace escreveu a sua obra, pleiteavam a causa do moderno espiritalismo.

Não lhe parece ainda que o argumento de Tylor, de que a crença nos milagres seja uma sobrevivencia de um estado mental selvagem, tenha importancia, porquanto é elle mesmo quem declara que ignora quaes os factos que induzem essa crença.

E neste caso caber-lhe-ia sustentar, do mesmo modo pejorativo, que a crença moderna de que o sol é uma massa ignea, constitue uma sobrevivencia do pensamento selvagem, porque alguns selvagens têm igualmente essa crença.

A questão para Wallace é uma questão de facto. O milagre entrará, pois, na ordem dos phenomenos naturaes. Não é como pensa o professor Tyndall, um ataque á lei da conservação da energia; implica apenas a existencia de seres intelligentes invisiveis a nós, comtudo capazes de agir sobre a materia, como nós pelos meios communs agimos sobre ella.

O termo «sobrenatural» é empregado por commodidade da linguagem, certo, como é, que as leis naturaes régem todos os phenomenos, sem excepção alguma.

Essas leis não são incompativeis, nem impêdem que sêres intelligentes existam em torno de nós e entre nós, sem que durante toda a nossa vida cheguemos a perceber-os. Não destoa da natureza que taes sêres em determinadas condições se dêem a conhecer, agindo sobre a materia. A sua *possibilidade* é incontestavel.

«A existencia, diz Wallace, de sêres sensiveis, se bem que fóra do alcance dos nossos órgãos naturaes, não infringiria aquellas leis, como não infringem os protozoarios, organismos gelatinosos e sem estructura que apresentam os mais completos phenomenos da vida animal, apezar da ausencia da differenciação de partes ou especialisação de órgãos que parecem exigir as funções necessarias a essa vida animal.» (1)

O naturalista, portanto, não trepida em admittir estes sêres de natureza immaterial como explicação dos phenomenos de que se trata. Estes sêres não são compostos das fórmulas mais subtis e diffusas da materia, porque

(1) Wallace — *Les miracles et le moderne spiritualisme*, pag. 164.

assim ter-se-iam de confundir as duas grandes ordens de phenomenos que constituem o Universo. Como, porém, poderiam essas intelligencias actuar sobre corpos ponderaveis?

Esta difficuldade ou esta objecção, Wallace pensa responder com a evidencia mysteriosa da luz, do calor, da electricidade, do magnetismo, a vitalidade e a gravitação, considerados *modalidades de movimento* de um ether que enche o espaço. Ha fórmulas de materia impalpavel, cujo conhecimento provém unicamente dos efeitos que nos envolvem. Si existem, pois, intelligencias que podemos dizer de natureza ethérea, seria absurdo negar-se-lhes o uso dessas forças ethéreas, que constituem «a fonte inesgotavel do que engendra sobre a terra força, movimento e vida».

«Os nossos sentidos e a nossa intelligencia, accrescenta o sabio, com quanto limitados, permitem que recebamos impressões e que remontemos até á origem de algumas das diversas manifestações do movimento ethéreo em phases distinctas como a luz, o calor, a electricidade e a gravidade; nenhum pensador, todavia, se arrojará a affirmar que não haja, além destes, outro modo possivel de acção desse elemento primitivo... Sem o sentido da vista, nosso conhecimento da natureza e do Universo seria reduzido a milissima parte do que é. Dada a sua ausencia, nossa intelligencia diminuiria numa extensão, que não podemos calcular; e é licito crêr que, com elle, a natureza moral nunca ter-se-ia desenvolvido por completo e difficilmente teriamos attingido á dignidade e supremacia de homem. Portanto, é possivel, e até provavel, que existam modos de sensação superiores e excedentes aos nossos na mesma proporção que váe da vista ao tacto ou ao ouvido.» (2)

Para Wallace, não resta duvida, os milagres são phenomenos naturaes, sujeitos á observação e á experiencia como quaesquer outros phenomenos. Os nossos cinco sentidos, grosseiros instrumentos para prescrutar os imponderaveis, são todos os dias substituidos por aparelhos, que vão gradualmente penetrando, desvendando essas coisas, na phrase de Hamlet, existentes na terra e nos céos, e de que não cogitava a nossa vã philosophia.

Passando o spiritismo assim á categoria de uma sciencia experimental, restaria a prova dos factos.

Wallace no capitulo do livro, onde se trata da realidade objectiva das aparições ou daquillo a que o vulgo chama espectros, refere-se a experiencias de variada especie, e enumera casos de phantasmas, cuja objectivi-

(2) *Obr. cit.* p. 66.

dade se tem provado por meio de relações de espaço definidas, pela impressão por ellas produzidas sobre irracionais, pela producção de efeitos physicos os mais variados, deslocações, fusões, sons musicas, pela photographia, pela communicacão a distancia, pelas reacções chimicas, etc., etc.

A natureza destes artigos não me permite acompanhar as experiencias a que allude o sabio naturalista, cujos escriptos preferi aos de Aksakoff, Delanue e outros, por parecer-me o representante dessas idéas mais digno de respeito, graças á sua serenidade, que já não é a mesma do sabio Crookes.

Não dissimularei, porém, a instabilidade de tudo quanto elle affirma, diante de uma unica consideração, que assalta o espirito mais desprevenido.

Si é verdade que os argumentos de Hume, Lecky e Tylor não convencem o mais desapercibido de conhecimentos philosophicos, não é menos certo, que o experimentalismo spirita assume por sua vez um tom de verdadeira magica theatral. Não é que d'ahi se deva inferir a irreallidade dos factos multiplos, testemunhados por homens serios, e das experiencias realizadas, sob a ascendencia da doutrina spirita; mas succede que até hoje, ainda não houve analyse quantitativa exercida sobre apparições e espiritos; e emquanto lá não chegarmos, licito será pôr de quarentena o caracter experimental da nova sciencia, a que Wallace e Crookes juntaram o seu prestigio scientifico.

Por outro lado, ha a considerar a questão preliminar dos fundamentos da certeza. Neste caso, teriamos de refazer Kant ou destruir o pyrrhonismo moderno.

Medeiros e Albuquerque, que não crê no milagre, nem mesmo *naturalizado*, á maneira de Wallace, em face dos phenomenos irrecusaveis, que lhe puzeram diante dos olhos, preferiu encarar o homem como um todo concreto, onde trabalha a idéa, como uma força capaz de produzir forças, agindo sobre o ambiente.

«*L'homme n'est ni ange, ni bête, et qui veut faire l'ange, fait la bête.*» O autor do prologo, que analyso, comprehendeu bem esse conceito de Pascal.

Fiquemos na possibilidade do desenvolvimento da força, que somos, ao par de tantas outras residentes na terra, mas com quem nunca podemos estabelecer conversa; e no que respeita a almas do outro mundo, vivam, *in pace*, na cabeça dos que as géram, emquanto não se provar a existencia de duas substancias differentes, isto é, que o espirito e a materia não são aspectos de uma mesma coisa, solidaria em todos os seus pontos de resistencia, em todas as suas manifestações terrestres.

Estes conceitos, porém, não signifi-

ficam que eu esteja de acôrdo com a theoria de Medeiros e Albuquerque.

«Toda a idéa tende a transformar-se em facto.»

Para que aceitasse esse princípio, seria preciso que incorresse na confusão de considerar a idéa causa e não effeito, ainda mesmo admittindo a extravagante theoria de Feuillée e de Striker, das idéas matrizes.

«Nós não temos consciencia alguma, diz o autor do prologo á obra de Coste, nem da localisacão das nossas idéas, nem do modo por que ellas são executadas. Só conhecemos os termos extremos: 1<sup>o</sup>) idéa de movimento a effectuar; 2<sup>o</sup>) movimento effectuado.

«O que se pretende demonstrar aqui é que *toda idéa tende a se realizar* :

«a) realiza-se normalmente no proprio individuo, quando elle pensa em executar um movimento com os musculos chamados voluntarios—isto é—com aquelles que estão habitualmente sujeitos á vontade;

«b) realiza-se tambem no proprio individuo, mas em condições especiaes, e nomeadamente no hypnotismo, quando se trata de phenomenos que parecem escapar á vontade (elevação de temperatura, secreções, hemorragias, vesicacões, etc.);

«c) realiza-se num corpo extranho, desenvolvido dentro do organismo, mas sem ter com elle nenhuma continuidade anatomica, quando se trata de um feto, no ventre materno;

«d) realiza-se em um ser differente no caso da suggestão mental;

«e) realiza-se na natureza, objectivando, creando, *realmente* objectos e seres, quando se trata das chamadas materialisações espiritas.» (3)

Nada ha que oppôr á veracidade do phenomeno tal qual o illustrado critico o descreve nesta pagina interessante. Mas, ou eu me engano, ou no conjunto dessa exposiçãõ ha uma tautologia philosophica.

Das duas, uma: ou o escriptor confessa-se um materialista dogmatico, um decidido epicurista, ou então a idéa, que põe no inicio de todo o acto humano, é um elemento estranho, sobrenatural,—um ente independente, que intervém no corpo humano, pela fórma por que o entendia Platão, de conformidade com a metempsychose que por algum tempo dominou a philosophia grega.

Julgo, porém, que o equivoco de Medeiros e Albuquerque nasce de uma metathese muito commum.

Não se trata de idéas; mas de ESTADOS. E toda a força humana confunde-se com esses estados conscientes ou não conscientes.

ARARIPE JUNIOR.

(3) *Phenomenos psychicos occultos*, de Albert Coste. Prologo, p. L.

## AS MULTIDÕES CRIMINAES

Datam do ultimo quartel do seculo recém-findo, os ensaios e observações da chamada «Psychologia Collectiva». Foi Henrique Ferri, o eminente sociologo da chamada Escola Penal Positiva, quem lhe traçou as linhas geraes.

Fez notar que entre a «Psychologia individual» (*que estuda o homem isolado*) e a «Psychologia social ou Sociologia» (*que estuda os homens em suas relações normaes e constantes*), ha espaço para outra sciencia que se podia chamar «Psychologia collectiva», destinada ao estudo das relações anormaes ou transitorias entre os homens, isto é, as reuniões, as collectividades, devidas á occasião ou ao caso, e que não são estaveis e organicas, mas, sim, inorganicas e ephemerias, taes como os publicos dos theatros, as assembléas, as multidões, etc. (\*)

Rapidos fôram os progressos da PSYCHOLOGIA COLLECTIVA; já notando, em 1897, o magistrado Fabreguettes que estava na ordem do dia «o estudo das multidões e dos grupos, da sua moralidade, das suas paixões, da sua criminalidade».

Em especial, a criminalidade das multidões tem merecido grandes attentões e cuidados scientificos. Entre os que lhe dedicaram o melhor da sua actividade intellectual, destaca-se o nome de Scipio Sighele, advogado italiano, actualmente professor na Universidade Nova, de Bruxellas. Na França, se occuparam com o assumpto Gustavo Le Bon e Fournial, dedicando-lhe substanciosas monographias. Tambem Gabriel Tarde, depois de ter saudado com gradissimos applausos a brilhante iniciativa de Sighele, dedicou á criminalidade das multidões um profundo relatorio, lido perante o Congresso de Anthropologia Criminal de 1892, tomando parte na discussão mestres respeitados, como Benedickt, Paulo Garnier, Dekterew e Zakrewsky. Na Hespanha, d. Concepcion Arenal, em trabalho cheio de originalidade, publicou algumas observações ácerca do delicto colectivo, assignalando suas relações com as questões e os problemas sociaes, politicos e economicos. (\*)

Ultimamente, no Congresso de Anthropologia Criminal de Amsterdam, tratou-se novamente do momentoso objecto, sendo relator Scipio Sighele e tendo fallado a respeito os já citados Dekterew e Benedickt e o professor Stemimetz.

(\*) *Actas do Congresso de Anthropologia Criminal*, reunido em Amsterdam, em 1901, pag. 68.

(\*) V. traducção franceza na REVUE INTERNACIONALE de SOCIOLOGIE, Maio de 1895. A edição hespanhola emendada está no tomo 12 das obras de d. Concepcion, (1896).

Por outra parte, os penalistas modernos e a magistratura tem procurado a melhor solução jurídica desses casos tremendos e apavorantes em que o concurso para o crime parte de muitos e muitos criminosos, momentaneamente unidos, sob o impulso de uma idéa ou de uma emoção violenta. Para nós, que aproveitamos os «reflexos mentaes» projectados pela sciencia europeia, é chegado o momento de relancear, em meio de theorias e observações, as leis e principios já definitivamente assentados e que tendem a influir na jurisprudencia dos tribunaes.

\*  
\* \*

Sejam quaes fôrem os elementos sociais de que se componha uma multidão, a analyse psychologica tem revelado que, em regra, os phenomenos da sua emotividade e da sua intellectualidade são os mesmos. Na multidão, a personalidade individual consciente tende a desaparecer, orientando-se na mesma direcção as idéas e os sentimentos de todos os individuos. Forma-se, por assim dizer, uma alma collectiva, transitoria, mas cujos caracteres são nitidamente perceptíveis. Domina, ahi, o que Gustavo Le Bon chamou *lei da unidade mental collectiva*. (\*)

Os caracteres principaes que se encontram nas multidões criminosas — e que são communs ás de outras especies — pôdem ser resumidos assim: extrema mobilidade emocional e mental, exaggerada impressionalidade, que as transforma em joguêtes de todas as excitações, de todas as impulsões, e as sujeita aos arrastamentos de suggestionadores mais ou menos habeis; essa sensibilidade é dominada por uma imaginação ardentissima, que determina actos sem reflexão, intolerancias, despotismos, que leva aos mais terribes accessos, ficando as multidões surdas á voz da piedade e do bom senso. A multidão é capaz de sentir e de agir; não é capaz de raciocinar. (*Fabreguettes*)

São causas dessa extranha agitação quasi inconsciente — a *imitação*, a *sugestão* e o *contagio*. (\*\*) Si é factó, como observou Tarde, que *sociologicamente* os trez processos se confundem, não menos certo é que *psychologicamente* se distinguem, e por fórma irilludível. A *imitação* resulta, essencialmente, de um «acto voluntario», é a repetição de um movimento alheio, feita *com consciencia*. A *sugestão* exprime a transformação em acto de uma idéa alheia que nos é imposta, segundo ensina o competentissimo Bernheim. O *contagio* (no sentido psychologico) é a «imitação

involuntaria»; exprime essa influencia moral que se exerce de um para outro homem, inconscientemente, irresistivelmente, identica á que se dá entre os organismos phisicos. Pelo *contagio* se exercita uma acção intercerebral, uma especie de *electrisação psychologica*, na expressão feliz de Gabriel Tarde. O que tem de particular o *contagio* e o que o destaca, intimamente, da *imitação* e da *sugestão* é seu «processo inconsciente». Quem imita é consciente; quem suggestiona tambem o é; entretanto, no phenomeno do *contagio* verifica-se que, não obstante uma pessoa soffrer a influencia da outra, haver um ente *activo* e outro *passivo*, o primeiro é tão inconsciente como o segundo.

Demais, a *sugestão* nunca é espontanea, e nem sempre é subita; o *contagio* é sempre subito e espontaneo, como todos os movimentos em que não domina a vontade.

Bem estudada uma multidão criminosa, vê-se que o aggregado se formou, quasi sempre, por *imitação*; pois, é voluntariamente que accorrem a um mesmo ponto os individuos que o compõem ou alli se juntam movidos por um mesmo sentimento ou idéa consciente. Depois, a simples aproximação phisica de creaturas humanas gera o phenomeno do *contagio psychico*. E nesse meio dominam as *sugestões* dos mais intelligentes, dos mais activos, dos mais fortes, dos mais audazes. A resultancia dessas influencias combinadas é a desaggregação da vontade individual e a absorpção em uma vontade collectiva, que determina os actos de todo o grupo. (\*) A *sugestão* se impõe pelo *contagio*, estabelecendo-se a orientação; o *contagio*, por sua vez, facilita a *sugestão*; e como se dá sempre, as idéas tendem a transformar-se em actos. Afinal, como disse Sighele, acompanhando Tarde, no seio de cada multidão cada um individuo é suggestionado pela collectividade — especie de suggestionador collectivo — e no meio desta se erguem os suggestionadores parciaes, individuaes, que a dominam. Dá-se, ahi, um phenomeno de acção e reacção psychica. A subitaneidade e a irresistibilidade são evidentes, quando se considera que alguns individuos, tendo-se dirigido sem intenções sinistras, quasi indifferentemente, para um logar onde se massacra, se incendia, se destróe, tendo começado por censurar energicamente os criminosos, acabam por acompanhá-los, victimados pela *sugestão* e pelo *contagio*. (\*\*)

Geralmente, no principio, em pequena minoria reside a «unidade mental

collectiva». Maior numero vem chegando por curiosidade, para *vêr o que é*; bem depressa o *contagio* se apodera de todos os assistentes, que de testemunhas se transformam em delinquentes. Assim se patenteia o horrivel *contagio* do homicidio, por occasião de certos movimentos populares.

E' incontestavel que o *meio social-economico* serve de elemento ou de factor determinante — conforme observou finamente d. Concepcion Arenal; é indiscutível que no paiz em que se reunir a maxima garantía da liberdade individual com o maximo confôrto do individuo, não medrará facilmente o delicto collectivo. Mas, bem poucos individuos que soffrem as consequencias de um regimen afflictivo — politica ou economicamente fallando — seriam capazes de crimes de sangue, fóra da provocação do motim e da desordem collectiva. A maioria é de soffredores pacíficos, que, em grande numero, nem sabem, ao certo, a quem attribuir seus soffrimentos. Entretanto, reunidas em multidão, passa-lhes pelos cerebros o turbilhão da loucura e eil-os transformados de pacientes cordeiros em tigres ferocissimos!... Psychologicamente, a situação do individuo normal é esta: acha-se em estado momentaneo e accidental de desaggregação, causada pelo meio e pelo contacto phisico e psychico com seus semelhantes. O individuo que se encontra no seio de uma multidão passa a *um estado particular* que muito se aproxima, no dizer de Le Bon, do estado de fascinação em que fica o hypnotisado diante do hypnotisador. Cumpre notar, aqui, a influencia decisiva que tem o *numero*, a *agglomeração* de pessoas. Já Espinas havia ponderado que é lei psychologica de valor absoluto que a intensidade de uma emoção cresce na proporção directa do numero de pessoas que della participam, ao mesmo tempo e no mesmo logar.

Foi nesse sentido que os medicos Vigouroux e Juquelier escreveram:

«Quando se lêem, nas obras de Sighele, Tarde, Le Bon, descripções de crimes collectivos commettidos pelas multidões, fica-se impressionado com a subitaneidade desses attestados, com a intensidade verdadeiramente pathologica das emoções offensivas da multidão. Ella é um dos meios mais favoraveis para o *contagio*, e esse é tão mais rapido e mais intenso quão maior o numero de individuos. Os crimes commettidos pelas multidões são grandes movimentos impulsivos.»

Outros medicos, não menos reputados, os drs. Pitres e Régis, observaram que os movimentos que agitam os individuos, no seio das multidões criminosas, são derivantes das mesmas causas que provocam a loucura comunicada (*folie à deux*). Considerando isoladamente, os individuos são calmos

(\*) PSYCHOLOGIE DES FOULES, 1895, pags. 11 e seguintes.

(\*\*) V. a recentissima publicação dos drs. Vigouroux e Juquelier LA CONTAGION MENTALE.

(\*) V. Pugliese, DEL DELITTO COLLECTIVO, citado por Lombroso, LE CRIME POLITIQUE ET LES REVOLUTIONS, II, pag. 152.

(\*\*) V. AUBRY, LA CONTAGION DU MEURTRE, 2ª ed., pag. 224; Sighele, LA FOULE CRIMINELLE, 1892, pags. 62—71.

e inoffensivos; agglomerados, a menor fagulha os inflamma e os arrasta aos actos mais sinistros.

EVARISTO DE MORAES.

## O DIVORCIO

Trecho de uma carta.

Dariam uma monographia as minhas impressões sobre o divorcio nos Estados Unidos da America do Norte; conteriam, talvez, revelações interessantes para demonstrar o erro fundamental do conceito vulgar, muito propagado entre nós, ácerca dos costumes, principalmente, da organização da familia na terra de Washington. Esse trabalho, superior aos limites de uma carta, encontrarás completo no ultimo livro de Johanet, obra de observador e psychologo, muito consciencioso e verdadeiro.

Nesse livro marquei as palavras attribuidas pelo autor a Mac-Allister, o oraculo dos salões o *social leader* dos *fourhundred*, a nata, o batalhão sagrado das legiões de millionarios de New York:

«A sociedade repousa sobre a santidade do lar, vinculada pelos laços da familia. O divorcio distróe o lar, desorganizará a sociedade quando esta acolher em seu seio os divorciados.»

Vem a proposito um caso, muito particular para te dar uma idéa precisa da sorte dos divorciados ou, antes, — das divorciadas.

Habitava eu, em Washington, uma casa nova, n. 1916 da rua 16<sup>a</sup>, elegantemente construida por uma senhora viuva, cujo marido fôra um brasileiro, filho de um certo Lebréton, homem de letras ou artista immigrado com d. João VI. A' nossa direita, morava a proprietaria em predio perfeitamente igual ao nosso e á esquerda residia em uma bella casinha pertencente ao dr. Bagett, uma senhora ainda moça, formosa, de maneiras distinctas, trajando, correctamente, sem estardalhaço de côres, finissimos vestidos.

Como era natural, depois de alguns dias de residencia, procurámos conhecer a vizinhança, e a nossa proprietaria, muito amavel, nos deu a respeito completas informações; notámos, entretanto, que se abstinha de falar da graciosa e sempre melancolica vizinha da esquerda, que vivia com um filhinho, sem receber visitas, sem sair jamais além do pequeno patamar onde terminava a escada de marmore branco. Aquelle ar de tristeza, as maneiras de carinho com que tratava o filho, bello menino de cinco annos, nos inspirava secréta piedade, como se suspeitássem nella o personagem de um drama intimo, dominado por uma dôr silenciosa, resignada.

Em uma tarde de verão, quando, sob a magnifica folhagem dos castanheiros que enfeitam as ruas da capital, viamos brincarem, na relva virente, os nossos filhos, em plena expansão de infancia feliz e alegre, nos impressionou o menino da vizinha a contemplal-os triste, retrahido, como se desejasse, mas não ousasse, associar-se ao bando garrulo,

Ousei então, por piedosa curiosidade, perguntar a mme. Lebréton quem era aquella senhora. Ella respondeu-me baixando a voz, para que as creanças não ouvissem e como se me fizesse uma revelação funesta:

—E' uma divorciada.

O tom dessas palavras causou-me uma estranha impressão de surpresa e mágua, pois estava longe de suppôr que, na terra do divorcio, no paiz onde os casamentos se fazem e se desmancham com extrema facilidade, uma naufraga do lar despertasse aversão ou mesmo fôsse notada.

Mme. Lebréton, senhora de rara cultura, percebeu o meu espanto e procurou esclarecer-me.

—Então—disse ella, sempre á puridade—o senhor não percebeu ainda que das facilidades das leis reguladoras do casamente sómente se aproveitam aquélles, cujo senso moral está degradado; que a gente limpa e honesta é contraria a esse escandalo perturbador da ordem, na sociedade e na familia? Divorciam-se os levianos, as mundanas, os *parvenus*, que são muitos nesta terra, os improvisados surgidos da massa incolôr, do anonymo, adquirindo fama graças aos milhões, aos milagres da intensa vida, dos prodigios da industria na America do Norte; divorciam-se os exploradores de ambos os sexos, as actrizes, que pretendem evitar a prostituição, legalizando os seus caprichos, aproveitando a differença das leis matrimoniaes nos diversos Estados. Casados em New York, se descasam ou se recasam em New Jersey, repetem a manobra no Illinois; e, assim por diante. Não pense, porém, que a parte sã da sociedade, a burguezia séria, como a verdadeira aristocracia de descendentes dos *peregrinos*, numerosa classe exemplar pela pureza de costumes, os puritanos emfim, deixe de marcar os divorcistas com o estygma de despreziveis creaturas transviadas do dever por um impulso repugnante de interesse ou de sensualidade. Para essa gente de lei, para nós, que somos a cabeça e o coração reguladores da grandeza, do assombroso progresso da America do Norte, o divorcio é uma torpeza. E contra elle ha um bem accentuado movimento em todas as classes de todas as religiões, de todas as seitas, tão varias neste paiz cosmopolita.

Deixaram-me funda impressão as

palavras de mme. Lebréton, talvez demasiado puritana, mas muito verdadeiras na generalidade. Comecei desde, então, a observar a situação das divorciadas, colhendo documentação viva para os fundamentos do meu criterio ácerca dessa importante questão social; e verifiquei que a situação creada pelo divorcio era, com raras excepções, de segregação, de constrangimento, mesmo em relação ás innocentes como era a minha vizinha da esquerda.

Os casos de divorcio, na alta sociedade dos ricassos deslumbrantes, provocam sempre retumbantes escandalos pela enorme publicidade que lhes dão os jornaes, reproduzindo os retratos dos personagens da comedia, dos interessados no *negocio* e descendo aos mais vexatorios pormenores. A vida social e intima de uma senhora divorciada fica assim exposta a toda a sorte de commentarios dos moralistas retrogrados e aos desapiedados assaltos da maledicencia.

As divorciadas passam a confundirse com as mundanas celebres, que contam maridos ás duzias; e, mesmo immersas no esplendor dos milhões de dollars, não conseguem lavar a mancha deixada pelos vinculos rôtos.

Contam-se casos de artistas—estrellas de primeira grandeza que, para não serem rebaixadas á condição de mulheres sem dono, adquirem maridos em vez de amantes.

Lillian Russel, a mais bella mulher jamais vista no palco—apaixonou-se pelo tenor italiano que com ella cantava no Cassino de New York: era um guapo rapaz e a diva não era de tempera para deixar caprichos insaciados.

Divorciada do sexto marido, atravessou o Hudson com o seu tenor amado e o desposou em New Jersey.

O acto, conforme a lei desse Estado foi, perfeitamente legal; o *mayor* beijou a noiva, scintillante de pedrarias raras, e o venturoso par regressou a New York, como quem faz um passeio do Rio á Praia Grande.

Amaram-se, legalmente, alguns dias; depois, satisfeito o capricho, passada a setima lua de mel, a formosa actriz percebeu que havia entre ella e o marido absoluta divergencia de character; não erão feiços um para o outro, e a justiça foi chamada a cortar o laço ainda fresco dos ressabios dos ardentes beijos de alguns dias de incomparavel ventura.

Grças a esse admiravel regimen matrimonial, Lillian Russell amou a fartar, e ficou sendo mulher honesta.

Isto ou legalisarem a prostituição parece serem a mesma coisa.

Seria natural que, no paiz de multiplos regimens legaes do matrimonio, onde os *divorce mills* rompem vinculos e trituram casaes com incrível rapidez, onde a mulher recebe educa-

ção egual, senão superior, á do homem, e se apparelha para entrar só em todas as batalhas da vida, o divorcio fôse accidente vulgarissimo, entretanto causa sempre a mais violenta impressão de repugnancia, porque a sociedade americana percebe que elle é um germen de dissolução e, por um instinctivo movimento de conservação, começa a empregar os meios de defeza, a prophylaxia e os antisepticos da educação moral, pela propaganda, pelos invenciveis meios de que dispõe para extirpal-o.

No livro, cuja leitura provocou estas linhas, encontrarás paginas em que o autor pleiteia com os factos a causa da indissolubilidade do casamento.

Mrs. Sara Stevens, uma das mais notaveis *leaders* da sociedade americana, «Eu emprehenderia com facil successo lançar na alta sociedade qualquer senhora bem educada, solteira, viuva, com tanto que fôse rica e não tivesse a macula do divorcio no seu passado. Com maioria de razão uma divorciada casada seria indigna de figurar entre a gente fina de New York.»

«E' força convir—diz Johanet—que os *fourhundred* não têm adoptado os principios de pura moral como base da concepção de uma civilização moderna. Já existe entre elles quem não considere o divorcio um verme roedor de um bello fructo. O velho adagio *noblesse oblige* não lhes actúa mais nas consciencias e elles vão endossando a pesada responsabilidade da violação das leis divinas e dos juramentos humanos.»

«Do ponto de vista das relações mundanas, a prophécia de Mac-Allister se váe realisando ao pé da letra: a sociedade acolheu os divorciados e, como todo o reino dividido contra si mesmo, está sendo destruida.»

«Não é possivel reunir no mesmo salão um antigo marido com a ex-esposa casada com um perfido amigo que, por sua vez divorciado, se expõe a encontrar a sua ex-mulher pelo braço de um novo esposo. O que se concede á licença é vedado á liberdade; e, apesar de tudo, não se é livre na livre America para receber em casa quem se quer.

E, a proposito disso, nada é mais typico que os *embroglios* seguintes: a mãe da duqueza de Malborough, mrs. William K. Wanderbilt, divorciada, casou-se com O. H. Belmont, cuja mulher legitima desposou George L. Rives, divorciado de miss. Schermerhorn; William K. Wanderbilt tambem se recasou com miss. Alva Smith; miss. Jenny Smith, irmã da ex-mrs. W. K. Wanderbilt se divorciou de Fernando Iznaga e se recasou com William Tiffany; por seu lado Iznaga desposou a mulher divorciada do conde Zichy; miss. Lelia Roosevelt, divor-

ciada de m. Roosevelt Schuyler, se recasou com Reeve Merritt; mrs. William Havemeyer se divorciou para desposar um Boodgood; a filha mais velha de William Astor se divorciou de Coleman Drayton e se recasou com George Haig.

As devastações do divorcio, assim se manifestaram no proprio coração dos *fourhundred*, até em familias respeitaveis como as dos Wanderbilt e dos Astor, e todos os membros dessa gente de primor fôram por elle gangrenados. De todos esses grupos, outr'ora reunidos, depois esphacelados e, agóra, feitos de pedaços reunidos ao acaso; de todos esses parentes e amigos separados pelos successivos casamentos, como seria possivel formar, em um salão, grupos harmonicos?

Se os convivas, reunidos tantas vezes nas recepções deslumbrantes de mrs. Astor, á sua meza, voivessem hoje aos seus antigos logares, que mudanças, que aspectos se lhe antolhariam insupportaveis; e, sobre tudo, que exotica *mise en scene* de casaes desmanchados e remendados!»

Applica isto á nossa sociedade do Rio de Janeiro, um meio apertado, onde todos se conhecem, onde as mais notaveis familias se acham, fortemente, entrelaçadas, e verás que o espectáculo dos divorciados recasados, das trócas de esposas e maridos, das concubinas feitas esposas e *vice-versa*, seria repugnante, insoffrivel, impossivel.

E... ahi fica implicita a opinião que me pediste...

DOMINGOS OLYMPIO

### PAGINAS ESQUECIDAS

NARIS

Naris, naris e naris,  
Naris, que nunca se acaba,  
Naris, que se elle desaba  
Fará o mundo infeliz;  
Naris, que Newton não quiz  
Descrever-lhe a diagonal;  
Naris de massa infernal,  
Que, se o calculo não erra,  
Posto entre o sol e a terra,  
Faria eclipse total!

GLOSAS

OS DUROS GRILHÕES DE AMOR

Vejo-te a face mimosa,  
Porque a tanto amor se atreve,  
Vejo sorrir dentre a neve  
Uma rosa e outra rosa:  
Vejo-te a mão preciosa,  
Que tem dos jasmims a côr;  
Vejo-te o rosto inda em flôr,  
Que é iman do meu desejo  
E adoro, idolatro, beijo

*Os duros grilhões de amor »*

BOCAGE

PAYSAGEM

A ramada, suspensa em esteios de pedra, formava o enfolhado docél do tanque. Pendiam já doirados os enormes cachos do ferral. Alguma folha escarlate, outra amarellecida pelo queimar do sol, realçavam, variegando as côres, a abobada afestoada. Nos rebordos da bica rustica por onde a agua derivava, grogolejando nas algas, deixavam vegetações filamentosas, pendentes como meadas de esmeraldas, e miniaturas de reveldos, onde os insectos se pousavam num ruffar deleitoso de azas, no regálo da frescura, oscilando as antenas. Duas gallinhas, com as suas ninhadas, esgaravatavam na leiva humida, a cacarejarem a cada granulo, ou insecto, que bicavam e deixavam cair e retomavam de novo, com umas negaças, para ensinar os pintainhos, que se disputavam a posse do cibato em corrimaças impetuosas, azoradas. De vez em quando, á tona d'agua, rente com o combro de cantaria, afôfado de musgos verdes, emergia a cabeça glauca de uma rã, que pinchava para a alfombra, coaxava o seu dialogo interrompido com outra rã do beiral fronteiro, e ambas, a um tempo, mergulhavam de pincho, quando Cécilda batia a roupa na pedra esconsa do lavadouro. Estava o sol a pino; mas, pela densidade folhuda do parreiral, apenas coavam umas lucilações a laminarem tremulamente a agua ondulosa e escumada do sabão.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

\*  
\* \*

NO HOSPICIO

Era uma louca alegre e descuidada,  
Jámais viram-na triste ou desgostosa;  
Pendia-lhe dos labios côr de rosa,  
Frequentemente a flôr de uma risada.

Muitas vezes, á luz já desmaiada  
Do sol do occaso, timida, medrosa,  
Sentava-se a cantar uma saudosa  
Cantilena de amor, doce e magoada.

Quem sabe o que ella fôra antes!  
Nunca eu lhe pude ler sobre o passado,  
Nada logrei-lhe ouvir da propria bocca.

Sei que apenas um dia, no gradeado  
Desse hospicio, chorava com vóz rouca,  
Ao vêr passar um carro de noivado.

OLIVEIRA MARTINS

\*  
\* \*

PASQUINS

Desejaria por ventura algum curioso saber, porque se chamam pasquins estes ditos que, occultando-se o auctor d'elles, costumam apparecer escriptos em verso, ou em prosa nos logares publicos, satyrisando, ou picando nas acções de alguma pessoa, ou familia particular.

Responde-se: que em Roma houve antigamente um alfaiate, que o era do papa e tinha por nome Pasquillo, ou

Pasquino, o qual naturalmente era dizedor e gracioso; e como, pela entrada que tinha nas casas dos principes e cardeaes, via ou sabia muitas coisas que não lhe pareciam bem, chanceava sobre a materia e achava applauso nos que o ouviam.

Depois de morto, succedeu desenterrar-se junto da sua casa uma antiga estatueta de marmore, que representava um digladiador, com outro metido debaixo dos seus pés. E deram os ociosos em dizer que o Pasquillo resuscitára; e, quantos querem satyrisar ás escondidas, vão pôr nas costas da dita estatua (que está em pé e em logar publico) os seus papeis, ou emblemas.

O papa Adriano, vendo-se perseguido e motejado dos ditos do Pasquim, desejou lançá-lo ao Tibre; porém Luiz Suessen o lhe respondeu:

— Senhor, o pasquim é da especie das rans, que debaixo da agua fallam mais.

PADRE MANUEL BERNARDES.

## TIECK

### I

A litteratura allemã, vasta, rica, abundante e maravilhosa não é tão conhecida e cultivada, como a franceza, que, graças á facilidade da lingua e á seducção corruptora de seus romances, principalmente, domina, ha longo tempo, a intelligencia dos que sabem ler no Brazil.

Raras vezes, apparece a traducção de uma obra allemã; as versões, porém, das obras francezas, são innumerables.

Aquelles que não pôdem ler no original, alimentam o espirito nas traducções, que ainda mais os corrompem.

Os cultores da litteratura da douta e sonhadora Germania, entre nós, formam uma limitada cathogoria de espiritos privilegiados. Não obstante reconhecer esse facto, resultante de diversas causas e, sem pretender contrariar o gosto dominante, tentaremos chamar a attenção de alguns dos leitores dos *Annaes* para os talentos que illustraram uma litteratura, que ainda no principio do seculo XIX, a propria França ignorava, ou conhecia bem pouco, até que lhe foi, por assim dizer, revelada pelo livro de mme. de Stael.

Na litteratura allemã, de certo, ha muitos sonhos da phantasia d'alma; muitas emoções do coração; tambem avultam idéas grandiosas e profundas, concepções artisticas de alto valor e o drama das terriveis paixões, que agitam a humanidade por toda parte, em todos os seculos, atravéz dos quaes perdúra a lucta interminavel da liber-

dade contra as forças cégas e inquebrantaveis da fatalidade da natureza.

O espirito humano ama a variedade. Deixando as idéas francezas por um pouco, sem duvida achará algumas delicias em ler as composições dos poetas allemães. Goethe e Schiller são os mais conhecidos entre nós; outros ha, porém, que merecem ser lidos, por exemplo, Tieck, de quem nos occuparemos nestas paginas.

O espirito não pôde permanecer sempre, qual a corda do arco, já o dizia o Evangelista; tem aspirações, ama, alando-se da terra, valle de lagrimas, remontar-se ás espheras idéaes e poder com o poeta das *Meditações*, repetir—*Rever, aimer, chanter, priér — voilà toute ma vie!* (1)

Nesse caso, vou ministrar aos leitores algumas paginas, que se não lhe satisfizerem os anhélos, pelo menos lhes serão ligeiramente agradaveis; lembrarão a uns aquillo que já leam, e serão para aquelles, que ainda não leram, uma novidade, que lhes contentará a curiosidade, que, ás vezes, cria a paixão e desenvolve as energias occultas do talento.

O estudo das litteraturas não é um méro e inefficaz passatempo, nem emprego só de ociosos; não. E' uma das mais fecundas culturas do espirito humano. Aquelles que disputam a esse respeito, não passam de creaturas atrasadas e rotineiras, alheias ao grande movimento do seculo.

Pensando assim, não atinavamos com a litteratura, que poderia nos convir para offerecermos uma bella pagina aos leitores—eis sinão quando se nos perpassa pela mente a litteratura allemã, opulenta, seductora, phantastica e sobretudo instructiva, porque nella o sentimento e o pensamento marcham de par.

A franceza é muitas vezes frivola; a ingleza pezada, e dum character especial; a italiana, muito effemizada, lenta e verbosa; a hespanhola, energica até á extravagancia; a portugueza, que possúe riquezas e bellezas, infelizmente voltêa em torno das outras, principalmente do romantismo e do naturalismo das escolas que fôram da móda e hoje, mortas, estão abandonadas.

Quanto á nossa, puramente brasileira, nacional, é apenas um germen; hade abrolhar e só as pósteras gerações poderão applaudil-a carinhosa e calorosamente.

No presente os que exageram a existencia duma litteratura brasileira, fazem esforço extraordinario para ostentar uma creação — *ex nihilo*.

Ora, nestas cogitações, se me depa-rou um nome, talvez pouco apreciado, ou desconhecido. Não tem a notabilidade de Goethe, ou de Schiller, que

todos conhecem. E' verdade que, em litteratura, como na historia, só se observam os gestos dos grandes homens. O culto dos heróes exclúe as figuras secundarias, que cooperaram na obra geral, que a ninguem exclusivamente pertence. Quando se falla de litteratura allemã, unicamente se vê Goethe ou Schiller; quando se trata da ingleza, surgem Shakespeare e Byron. Em cada uma, só os grandes homens apparecem: são os heróes. A gloria os sagra; o culto os immortalisa.

O nome, de que vamos tratar, entre nós não é muito applaudido, mas o é na poetica e erudita Germania. Tieck chama-se o poeta que outr'ora floresceu e figurou dignamente nas evoluções litterarias do fim do seculo XVIII e começo do XIX.

Fallaremos delle, mas advertindo aos leitores de que não temos a pretensão de inculcar originalidade em tudo que escreveremos aqui. E' um facto a existencia do poeta; por conseguinte já delle se occuparam os historiadores da litteratura; já o apreciaram e juigaram. Não temos as primicias da invenção. São dessas cousas, de que o velho poeta venusino dizia — *multa repetita placebunt*.

Procederemos, como observa um historiador da litteratura ingleza, alludindo ao vasto systema de traducção, posto em pratica pelo rei Alfredo, traduzindo elle proprio — *De consolatione*, de Boecio.

Pouco importa esse methodo, quando indubitavelmente fornece uma noção util aos que não têm lazeres para estudar uma litteratura complicada, profunda e vasta. Nós é que nos condemnamos a um labor inglorio para dar aos leitores uma leitura, pelo menos, instructiva. E' provavel que, sem isso, muitos dos leitores não se dessem ao trabalho de ler as obras de Tieck: ora, com este methodo ficarão sabendo alguma cousa, não continuarão immersos na ignorancia anterior. Os leitores de boa fé o reconhecerão sincera e francamente; os outros — não; mas se lhes dirá — *multus est magnus numerus stultorum*.

Tieck é um poeta do tempó da escola romantica, que floresceu n'Allema- nha do seculo XVIII, escola que se renovou em França no principio do seculo XIX, e dominou durante os trez quartos do seculo, quando cedeu o logar ás novas seitas—do realismo, do naturalismo, do symbolismo, do néo-hellenismo, etc.; tudo isto, hoje, fóra da moda, desprezado, ridiculizado, está morto e enterrado. Que virá succeder a estas escolas, que tanto ruido fizeram? que tantas controversias suscitaram e sustentaram apaixonada e rudemente? Nos horisontes nenhum signal dos tempos novos! Só no correr do seculo, poderá resolver-se

(1) Lamartine.

o problema. Assim, occupemo-nos do passado, que pertence á historia, a qual é coetanea da humanidade, testemunha de suas luctas e só com ella hade perecer.

A escola romantica precisava, na Allemanha, dum poeta: acreditou havel-o em Tieck.

Louis Tieck fez os primeiros estudos e as primeiras armas no campo racionalista. Fôra Nicolai o seu primeiro mestre, ou antes inspirador. Grudou-se-lhe no espirito um grão de scepticismo que, em contacto com o scisma romantico, foi se convertendo em ironia.

A ironia, diz Tieck em suas conversações com Goethe, a ironia é uma força, que permite ao poeta dominar a materia, da qual trata: o poeta não deve entregar-se inteiramente ao assumpto, mas collocar-se superior a elle (2).

As suas metaphoras, porém, são um poucopueris: em nada se assemelham á omnipotente evocação de Fausto, dizendo ao espirito da terra:—*Graças a ti, a natureza é meu regio dominio! E tu m'a concedeste, para que eu possa cabalmente subjugal-a. Um espirito para abrangel-a, um coração para gozal-a!*—(4)

A natureza para Tieck é um ornamento. Na pintura do coração humano, não transpõe os limites de certa superficie brilhante. E' um homem de espirito, que tem uma penna facil, e os romanticos, pela excessiva importancia que lhe deram, puzeram ás claras a mediocridade da escola.

Tieck passou grande parte de sua vida no centro do romantismo—em Berlim, onde nasceu, e onde morreu em 1853. Foi duma precocidade, que não é commum, até para os poetas. Ainda nos bancos do collegio já elle ensaiava

os da mania do suicidio. Eram, como dizia elle proprio,---*as sombras, que estendiam o véo sobre a sua alma*---e, de vez em quando, o visitavam. Assim, duplica-se a côr sombria das obras de sua mocidade.

Vê-se, nellas, ora um melancolico, que acha consolação no espectáculo da natureza; ora, como no romance—*Abdallah*, um parricida perseguido pelos remorsos. As duas narrativas sobressahiam pelos relêvos de procedencia oriental, conforme a moda do dia.

*Charles de Berneck*, pela data, foi o primeiro destes dramas fatalistas, que procedem da---*Fiancée de Massine*---de Schiller, mas abrolharam do sulco da terra romantica naturalmente. Tieck chama esta peça um---*Oreste cavalheresco*---.Vê-se, nella, como no Oreste antigo, um filho punir a propria mãe para vingar a morte do pae.



MARCO BRAZILEIRO DA FÓZ DO RIO IGUASSÚ

Os romanticos elevaram a ironia á altura duma doutrina litteraria, cuja applicação mais completa foi a poesia de Tieck (3).

Ninguem mais, do que elle, não se entreteve com o maravilhoso: os assumptos, os mais inverosimeis, não lhe causavam surpresas, mas por sua vontade não os trata, só, por assim dizer exteriormente, como quem não quer comprometter-se nem se deixar enganar. A natureza inteira sente, respira e vive em suas poesias, especialmente nos dramas e ainda os passaros, as fontes e as flôres, a que os poetas sempre attribuiram uma vóz, até—o azul do céu—e tudo isso Tieck foi o primeiro a pôr em scena.

(2) Kœpke—Ludwig Tieck. — 2 vols. —

(3) Foi Fred Schlegel quem se fez o principal theorista da ironia, e, alludindo á philosophia de Fichte, a denomina—*palhaçada transcendental*.

scenas dramaticas. Um de seus mestres, Rambach, tomou-o como collaborador de seus ruins romances. Confiavam-se-lhe os principaes papeis num theatrinho de sociedade, que o mestre de capella, Reichardt, havia organizado em casa. (5)

As suas primeiras admirações, ás quaes sempre se conservou fiel, fôram por Cervantes e Shakespeare. No mesmo tempo, porém, mostrava singular gosto pelas mais extravagantes producções do dia—ultimos echos da litteratura—do *Sturm-und Drang*.

Tieck teve periodos de ---*wertherienismo*. —

Durante a frequencia na Universidade de Halle, teve successivos acces-

(4) Fausto de Goethe, a scena — *Wald und Hohle*. —

(5) Reichardt foi uma das victimas de Goethe e de Schiller nas — *Xenies*.

O que, porém, é novo---é um phantasma dum antepassado, que persegue toda a sua raça até o dia, em que um dos seus descendentes---matará o irmão, a quem devéras ama.

A obra menos importante da mocidade de Tieck e simultaneamente a mais curiosa para a historia do espirito humano, é um romance sob a fórma de cartas --- *William Lowel*---o tumulto de muitos soffrimentos e erros --- qual o denomina elle proprio. *Lowel* é um *Werther* sem poesia; é um ente exaltado e fraco, que recebeu educação honesta, mas cuja virtude cede ao minimo choque; um entusiasta inconsistente. Cahe nas garras dum intrigante, que systematicamente, por uma série de meios combinados com astucia, o destróe pouco a pouco, alma e corpo. Vem-se a saber, no fim, que este perfido companheiro---o grande machinista, que não



cessa de trabalhar---assim procedia para saciar uma vingança. Elle tem cúmplices, menos audaciosos, mas da mesma perversidade. Em face delles, como contraste, mostra-nos o autor alguns typos da burguezia---os representantes da moral vulgar, gente egoista, ou parva. Parece---quando se ouvem as confissões destes diversos personagens---que o homem não tem a optar, sinão entre uma actividade livre e desinteressada, que leva a uma horrivel desillusão, ou a uma existencia tacanha, estreita, limitada ao dever prescripto, que se condemna pela châtêza. Um delles escreve:— só pôde ser feliz aquelle que não funda grandes esperanças na vida, nem mórmente sobre si proprio. O orgulhoso que

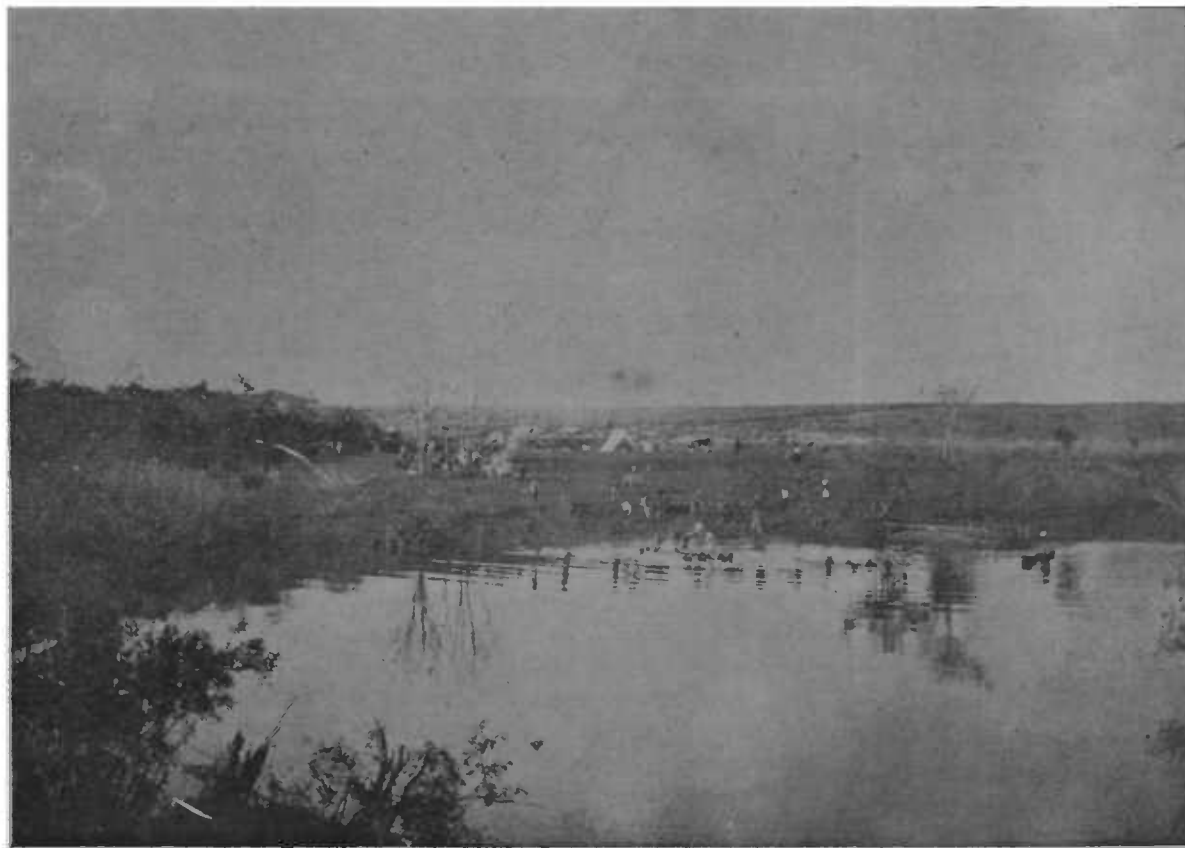
*Lowel*, fornecia, a Nicolai, dia a dia, para se publicarem em uma revista periodica, umas novellas, em parte traduzidas do francez, nas quaes zombava de todas as excentricidades da moda.

Data da mesma temporada o romance, não concluido—*Pierre Leberech*,—imitação de Sterne. Ha nelle questão dum preceptor, a quem roubam a noiva no mesmo dia do casamento. O heróe, que é historiador de si mesmo, declara, antes de tudo, que não se verá em suas narrativas—nem espectros, nem magicos, nem mysterios de sorte alguma; nada daquillo que enleva os leitores allemães e se lhes fazem irriçar os cabellos. De feito, os personagens são simples burguezes, até simplorios em alguns

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### OS RAIOS N

Cerca de um anno, mr. Blondlot, professor da faculdade de Nancy, proclamou uma nova descoberta no vasto campo da physica, onde, depois das conquistas dos nossos dias, recuaram consideravelmente, as fronteiras do impossivel. Elle verificára que certos fôcos luminosos, além de suas radiações de calôr e luz, desprendiam outras *sui generis*, dotadas de propriedades insólitas, raios luminosos com todos os caracteristicos da luz, como a refração e a polarisação, mas invisiveis, emittindo o que se poderia chamar luz obscura.



A COMMISSÃO BRAZILEIRA DA DEMARCAÇÃO DOS LIMITES ENTRE O BRAZIL E A ARGENTINA, PASSANDO O RIO PIRATINIM

confia em seu genio e contempla as profundezas de sua alma, para contar os thesouros, que contém, por fim se reconhece como o mais miseravel dos mendigos. Eu, por mim, pertenco á classe, demasiado desprezada dos mediocres. Modera-te, resigna-te: eis o segredo do que se pôde chamar—felicidade, embóra lhe recusem os entusiastas tal nome.»

O pessimismo, um pessimismo passivo e resignado, extreme de orgulho, que lhe não serve de excusa, seria a ultima conclusão do romance, se nelle quizermos descobrir uma intenção philosophica, se quizermos ver outra cousa que uma série de themes, os quaes, ao talante da imaginação insoffrida, o auctor desenvolve. Em quanto acabava de compôr *William*

instantes e duma burguezia verdadeiramente muito prosaica.

Tieck parece ter definitivamente se decidido em pró dos mediocres contra os entusiastas, e Nicolai applaudia-lhe a escolha.

Em breve tempo, crivou de tiros mortiferos os mediocres tambem; então foi que Nicolai se sentiu alvejado, como outros, que tinham sido feridos. Naturalmente Nicolai, offendido, tornou-se um inimigo terrivel.

Fallaremos, noutro artigo, das obras do poeta e da influencia, que essas obras exerceram no movimento intellectual da Allemanha e da importancia, que lhe dão os criticos, ás vezes rancorosos, mas em todo caso competentes.

EUNAPIO DEIRÓ.

Por mais contradictoria que pareça essa denominação, não é menos verdadeiro que os phenomenos luminosos não dependem absolutamente de um orgão capaz de os perceber: não deixam de existir fontes de luz pelo facto de serem tão fracas que os nossos olhos desarmados não as pecebam, da mesma fórma que não percebem as nuanças que se decompõem no spectro de maneira evidente.

Os raios Blondlot vinham de alguma fórma afirmar a theoria da luz negra formulada por Gustavo Le Bon.

O processo para reconhecer esses raios invisiveis consistia em collocar, no seu trajecto provavel, uma superficie phosphorescente de sulphurêto de zinco ou de calcio, platíno-cyanurêto de baryo, etc. cuja luminosidade se

avivava ao choque daquelles raios. E assim pôde Blondlot reconhecer que essas radiações, que são interceptadas pela agua, pelo chumbo, pela platina, mas atravessam, como os raios X, a madeira, o papel, laminas de aluminio etc, são emittidas, não sómente pela ampôla de Crookes, o bico Auer, a lampada Nerst, mas tambem por qualquer corpo que se expozera á luz, soffrera uma forte pressão ou um esforço molecular prolongado.

Outro professor de Nancy, m. Charpentier excedeu a Blondlot: chegou a verificar que os raios N podiam ser emittidos pelos tecidos vivos, vegetaes ou animaes, e até pelo corpo humano, com variações correspondentes ás contracções musculares e nervosas, cujas repercussões poderiam ser lidas a olho nú no escriptorio phosphorescente.

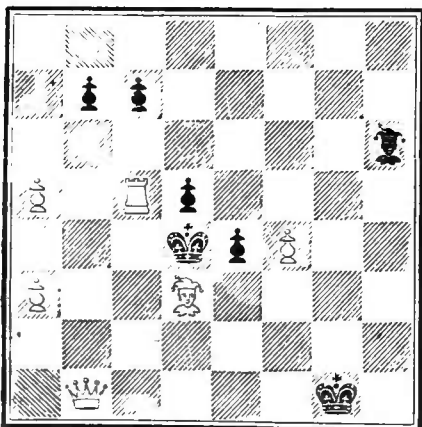
Por mais paradoxal que se figurasse, a descoberta era maravilhosa com todos os caracteres de um caso scientifico bem definido.

Surgiram, porém, duvidas. Experiencias feitas fóra do circulo de sectarios de Blondlot não deram resultado, insuccesso que este professor attribuia á delicadeza do processo, á falta de precauções meticulosas indispensaveis para a observação do phenomeno e outras razões que não encontravam eco no espirito dos incredulos. E a *Revue Rose* tornou-se interprete das desillusões de homens da estatura de Salvioni, Robert Wood, Herzen, Suerton, Henry Dufour, Rubens, Waller.

Diante de tão sérias contestações e de incertezas, a verdade scientifica exige um inquerito, extreme de riscos de erros, de modo que fique excluida a menor sombra de duvida. Não basta para a satisfação do amor proprio do iniciador — Blondlot, que spiritas, magnetisadores e outros occultistas tenham applaudido a descoberta dos raios N, nos quaes a gente da mytagogia julgava vêr a confirmação inesperada da objectividade do fluido odico e do corpo astral

## DIVERSÕES

Problema n. 10 — NEGRAS



As brancas jogam. Mate em tres movimentos.

## O GENERAL PEDRO LABATUT

(CEARA')

O general Pedro Labatut é um dos muitos personagens que se vão eliminando dos quadros da nossa historia de provincia, á falta de quem recolha a sua memoria, dispersa em muitos documentos do seu tempo. A geração actual já sente difficuldade, procurando restaural-a, e o vulto mais e mais se apaga nas nossas lettras.

Havia pouca imprensa, outr'ora, e muita distancia, desligando. Aqui, não se sabia o que ia por alli e por acolá. Todo homem era novo para cada terra a que chegava.

Perpetuar o que temos podido recolher sobre Labatut, será dispôr á volta desse nome dos tempos regenciaes. Outros investigadores virão retocar o quadro, e reviver os contornos que as edades têm gasto; trarão á luz factos, que escápan ao nosso estudo.

Este nosso escripto é uma provocação ao trabalho meritorio, que já não admitte demoras.

Não é de muito tempo o interesse que o publico nacional manifesta por esta ordem de estudos, no sentido de reconstruir o passado, e é tempo ainda de recolher noções diversas e muitos elementos ethnicos dispersos na lembrança dos sobreviventes, assim completando-se os bustos e fixando-se-lhes a devida feição moral.

Labatut serviu no Ceará, como homem de armas, na guerra civil que succedeu á abdicção, e ficou chamada — guerra de Pinto Madeira.

Não é que elle tivesse alcançado o periodo dos combates em que se deram a maior cópia de sangue no Ceará.

Até então, as luctas de partido não tinham produzido mais do que escaramuças, salvas as poucas vezes em que se encontraram imperialistas e republicanos no sul da provincia, em 1824, e as matanças a sangue frio.

Quando Labatut, enviado do Rio-de-janeiro, com alguma força, pela regencia trina, aportava á Fortaleza em 23 de julho de 1832, os grandes combates já tinham passado. Apenas a 25, tinha lugar o encontro do Brejo, e a 29 o de Cacaré. Encontrára, pois, em dispersão, as forças de Pinto Madeira.

A tarefa do general foi a de pacificar, e era por ventura a mais espinhosa. O partido vencedor, ainda na embriaguez do sangue, dividia-se; uns se encarniçavam, perseguindo; outros começavam a apiédar-se. A anarchia estava em todas as mentes, e a soldadesca, méro instrumento das matanças, acreditava-se arbitro da situação, com arrhas no futuro.

Ou havia médos, que annullavam,

ou odios, que fermentavam; e a desordem augmentava pelo alvorecer do jornalismo, que, balbuciando, articulava só impropérios como creança de máus instinctos entregue a si mesma, sem o correctivo e a mordação do saber e da experiencia, que ainda agóra lhe falta em politica, para ser uma nota edificante na manifestação do pensamento humano, para ser uma Minerva ao serviço dos partidos.

As pacificações fazem muita vez perder o juizo a quem logrou trazer inteira a cabeça das batalhas em que andou.

\* \*

Labatut era fracez de origem, filho de paes abastados, ao que parece, natural de Marselha, onde tinha propriedades. Serviu até Waterloo, nas hostes napoleonicas; era, pois, um homem escápo de mil perigos com certo titulo á consideração dos seus conterraneos.

Na restauração, foi posto em disponibilidade, no pôsto de coronel de 1ª classe, condecorado com o officialato da legião de honra. Como outros officiaes, procurou serviço na America, onde andava accêsa a guerra que veio a fundar tantas nacionalidades do mesmo typo, por desmembração de uma mesma raça de além-mar, que envelhecêra e caducára nas atrocidades de um captiveiro, que tinha raizes nos seculos.

Acolhido pela Columbia, batalhou por ella, e, retirando-se d'alli, decididamente, em consequencia dos ciumes e rixas que estavam a decompôr constantemente as forças patriotas, trouxe, como signal da estima, que alcançara, uma patente superior a general de brigada, e uma pensão, annual de 200 pesos fortes.

E' de presumir que se tenha incompatibilizado, por discordias, na Columbia, visto a sua nimia susceptibilidade e grande apêgo a outra disciplina, que aprendêra no exercito francez, e não professavam as turbas armadas da America do Sul, fazendo de exercito.

Labatut veio residir no Rio-de-janeiro, onde adquiriu propriedades, e vivia em certa opulencia e conforto, tratando-se como homem de alta hierarchia.

Alli, pediu a Pedro I, regente do Brazil, que o arrolasse no exercito, que elle organisava para reaver a Bahia, que o partido das côrtes portuguezas procurava subtrahir ao seu governo, apoiado em forças respeitaveis, ao mando do brigadeiro Ignacio Luiz Madeira de Mello.

A 3 de julho de 1822, foi incorporado ao exercito nacional, na patente de general de brigada, e a 9 desse mez lhe foi conferido o commando das tropas brazileiras, que faziam frente a Madeira; tropas do mesmo typo das

columbianas, a saber — paisanos armados e sem nenhuma disciplina, ao lado de soldados insubordinados do pessimo exercito brasileiro e de officiaes sem mestría na arte da guerra, e sem educação civil, não menos turbulentos e rixosos— um pessimo exercito para causa tão boa e para um general tão avêso aos costumes militares, que subsistiam, da colonia portugueza.

Eram, por mór parte, analphabetos commandados e commandantes, cogitando de liberdade e de reformas das velhas instituições politicas !.

Os modos e o todo do general não eram de feição a inspirar sympathias no meio daquella gente.

Labatut era de fôrmas agigantadas, corporatura fóra da craveira nacional, os pés excedendo ás fôrmas do paiz, a vóz dissonante e a expressão bastarda de um francez vasconço e de um portuguez saturado do columbiano !

Facil de suggestionar-se, era uma criança para os seus secretarios. Ouvia sobretudo pela bocca do cirurgião militar José Maria Cambucy do Valle, homem de saber, para aquelles tempos e para a terra, baixo, rotundo ; e de um abdomen protuberante, o menos proprio para, desde logo, metter pelos olhos de alguém o amor e o respeito, que uma boa presença insinúa, fazendo esperar os bons actos.

A boa apparencia attrahe, como uma força centipetra.

\* \* \*

A campanha da Bahia foi um desastre, sem embargo da superioridade moral de Labatut a muitos respeitos, e da sua competencia professional. Elle via com outros olhos as cousas da terra, e melhormente, muitas vezes, no ponto de vista do acatamento, que mereciam os vencidos, e das preferencias que, entre si, disputavam os do seu partido. Embóra a sua estouvação e tanta carne, elle tinha uma alma que accordava aos brados da justiça e da verdade. A sua qualidade, porém, de estrangeiro, em guerras de nacionalisação, o fazia suspeito, por mais que se adiantasse no aprendizado da moral politica, que se queria acclimar numa terra tão esterilizada pelo captiveiro original.

Por outro lado, as fôrmas grosseiras e as noções mui superficiaes de governo, que tinha o general, não eram de vez para a prompta solução do problema bahiano.

E a situação era embaraçosa, mesmo para os dois partidos.

A cidade estava no poder de Madeira, mas este em criticas circumstancias. A côrte de Lisbôa o trahia, accedendo ás vistas paternas de dom João, que desejava todo o arranjo no sentido de não se tirar o prestigio a seu filho regente. O Congresso, no emtanto, queria subtrahir as provincias brasileiras á influencia de d. Pedro, e con-

spirava contra a autoridade de Madeira.

Em quanto este servia aos intuitos do Congresso e do partido liberal da metropole, que trabalhava pela identificação do Brazil com Portugal, visando effeitos economicos, a esquadra surta no porto da Bahia, sob o commando de João Felix, recebia instrucções secretas da côrte, para não affrontar os brios do Principe, e a colonia portugueza se arreceiava de quebrar as suas relações com as entidades da provincia, sacrificando interesses de commercio e de familia.

Quasi todos os portuguezes da Bahia tinham affinidades alli. No campo opposto, estavam os brasileiros de sangue, ou por apêgo á terra, senhoreando o Reconcavo, e trancando a Capital.

Parte destes, com as suas tradições heraldicas, representava a lavoura e a criação, forças vivas da colonia, constituindo a sua plutocracia e nobreza; outra parte formava um mixto de soldados pretenciosos e vorazes, com populares audaciosos, fugitivos da cidade e do campo; quasi escravos estes ultimos na zona do littoral, quasi nomadas os que vinhão dos altos sertões, carregados de armas, formando sequitos para os potentados, nos seus crimes e caprichos.

Labatut estava mal avisado de tudo. Partindo do Rio-de-janeiro, com alguma tropa, foi estacionar em Alagôas, onde recebeu uma brigada de Pernambuco. D'ahi seguindo por terra, pôz Sergipe sob a obediencia de d. Pedro, e a 28 de outubro entrou na feira de S. Anna, estabelecendo o seu quartel-general em Engenho-Novo.

Ao chegar, já encontrou algumas forças avulsas em Pirajá, guarnecendo os pontos do Coqueiro e Cabrito, excellentes posições para hostilizar a praça, e mais perigosas para esta, com os refórços que elle recebeu.

Estas tropas agiam sob a autoridade da Junta do Governo, que os patriotas tinham constituido na cidade da Cachoeira, fóco da resistencia, nucleo da nobreza crioula.

Madeira, sentindo que se tratava de completamente assedial-o, fez atacar essas posições na madrugada de 8 de novembro. Os brasileiros, fortes em Cabrito, repelliram o ataque, e levaram diante de si as tropas portuguezas, que debandaram.

Primaram nesta acção as tropas de Pernambuco, com o major Joaquim José da Silva Santiago, que mais tarde foi acabar tristemente, assassinado pelos *cabanos*, no Pará, onde commandava as armas.

Releva dizer que Labatut não soube guardar o decôro devido á sua causa : deslustrou-se por uma acção ignobil. No dia 21, mandou fuzilar 51 captivos, que aprisionára nas proximidades de Pirajá. As pretas, que os acompa-

nhavam, fôram cruelmente surradas; — toda essa gente, sem nenhuma culpa, de ter sido entregue a Madeira, por seus senhores, para combater em pról de uma causa, que não era sua.

A brutalidade de Labatut bem mereceu os ultrajes e amarguras que lhe estavam por diante; mas, naquelle instante, não produziu a execração dos patriotas !

Após alguns ligeiros combates, Labatut empreendeu um ataque geral ás linhas de Madeira, em 28 de dezembro, com a brigada de Pirajá, e, transportando-as até Soledade, retrocedeu, para evitar que a sua força, desajudada das outras brigadas, pudesse ser envolvida pelo inimigo.

Este combate foi mui decisivo para o cêrco. O general portuguez ficou hermeticamente fechado nos muros da cidade, só podendo receber, por mar, escassos aprovisionamentos.

Ao combate de 29 de dezembro, succederam-se outros pequenos; a 15 de fevereiro de 1823, um das forças portuguezas com as brasileiras, que estavam postadas em Itapuan e Conceição; em 3 de maio um fogo mais renhido nessas immediações da capital; um outro, finalmente, em 20 de maio.

Um grande escandalo, porém, punha termo ás victorias do soldado amestrado, mas inepto commandante, e malquisto.

O coronel Felisberto Gomes Caldeira, chefe da brigada da esquadra, tão nefasto depois commandando as armas na Bahia, e tão cruelmente punido da sua turbulencia e ambição de poder, prendeu o general no seu proprio quartel de Pirajá, e mais ao seu responsavel moral, secretario Cambucy. O governo da Cachoeira deu-lhe por successor o coronel graduado José Joaquim de Lima e Silva, chefe da brigada do centro, o qual veio a ser um dos membros mais salientes da dynastia de soldados, que, mais tarde, teve o dominio do exercito brasileiro.

Lima e Silva o remetteu para o Rio-de-janeiro, carregado de accusações !.

Labatut logrou livrar-se, por unanimidade, de todas as imputações do partido de Caldeira, num conselho de guerra a que foi submettido em 9 de fevereiro de 1824.

O conselho supremo militar houve por boa esta decisão, mas ella não lhe conciliou a boa vontade dos chefes do serviço militar.

Desde então, o general ficou virtualmente eliminado do exercito, até que o 7 de abril lhe trouxe a rehabilitação.

\* \* \*

Em 18 de julho de 1824, lhe foi assignada uma licença de anno. Em 2 de abril de 1825, outra; e em 3 de maio de 1826, foi ella renovada, pelo mesmo tempo; em 2 de outubro de 1828, o

favor attingiu a 2 annos. Antes, porém, de esgotar-se o prazo deste ultimo *despêcho*, o decreto de 5 de fevereiro de 1829 o mandou eliminar do quadro do exercito de sorte que, por premio de sua campanha na Bahia, lhe coube nunca mais desembainhar a espada, pelo resto do tempo, em que reinou Pedro I.

Os portuguezes lhe ficaram votando odio, e os portuguezes pesavam demais no animo do Imperador.

Labatut era suspeito de *liberalismo*, e com certo fundamento, pelo que se viu depois.

No 4º dia da abdicção, (11 de abril de 1831) já a regencia provisoria o fazia voltar ao exercito. Lê-se na sua fé de officio que o acto proceden de: *Ter-se em consideração a injustiça e arbitroriedade, com que, sem preceder sentença e sem alguma outra declaração, fôra demittido do serviço militar, quando era digno, de certo, de melhor sorte, pelos serviços prestados á independencia do imperio na expulsão dos luzitanos.*

A reintegração de Labatut, 4 dias depois da deposição de Pedro I, está indicando que elle tivéra contra si o Principe, mas estava nas graças do partido que conspirava. Sua demissão foi resolvida no ministerio de Joaquim de Oliveira Alvares, portuguez, a quem o Imperador era devotado até sacrificar por elle o seu prestigio pessoal, e a reabilitação foi obra do ministro José Manoel de Moraes, quiçá do regente Francisco de Lima e Silva.

Fallando da conducta do governo para com o chefe do exercito independente da Bahia, Cambucy do Valle se exprimiu assim, num artigo que firmou no *Semanario Constitucional*, do Ceará, de 23 de fevereiro de 1833.

«Todo o Brazil sabe a barbara ingratição, com que o governo cahido em 7 de abril de 1831, por intrigas do abominavel ex-ministro da Guerra, Joaquim de Oliveira Alvares, demittiu este bravo e integerrimo servidor da Independencia, mandando-o sahir em 6 dias para fóra do imperio, com o espalhafato de publicar nas provincias do norte, que o prendêsem, caso nellas aportasse; o mesmo Brazil sabe que elle, assim injuriado por um governo que não era o nacional, tornou de França somente para justificar-se antes que lá chegasse o resultado da inclyta e sempre louvada resolução da Camara dos Deputados e honroso decreto da regencia, que o chamava ao Imperio, restituindo-lhe o bem merecido posto de brigadeiro e dando-lhe, por seus serviços, a carta de naturalisação.»

(Continúa)

J. BRIGIDO

## O ALMIRANTE (12)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO IX

O gabinete 10 de março nascêra de uma ruptura entre Cotegipe e a Regente.

D. Eugenia relatára os pormenores da crise, accrescentando-lhe aquillo que as conveniencias politicas, cautelosamente, occultaram; o processo mortificante das intrigas palacianas provocando um pretexto, na verdade muito futil, para a demissão do gabinete 20 de agosto, que mantinha a todo o transe o chefe de policia, da côrte, um probo e illustre magistrado, partidario intolerante da reacção contra os desvarios da propaganda abolicionista, e provocára descontentamento do exercito e da armada. Dir-se-ia que Sua Alteza obedecia, no motivo da demissão do ministerio, ao secreto intuito de inutilisar, de reduzir á inacção, as grandes energias de resistencia, concentradas na extraordinaria personalidade do grande estadista bahiano, que, sentindo-se forte pelo apoio da opinião, com recursos necessarios para manter a ordem, muito perturbada na capital do Imperio, «não podia admittir que para Sua Alteza merecessem mais credito outras informações que não as dadas sob a responsabilidade dos seus conselheiros constitucionaes.» O barão de Cotegipe, nesse trecho da carta, em que deu a demissão do seu ministerio, alludia ao conde d' Eu, por elle, afoitamente, averbado de incompetente para, excedendo á raia do seu papel de principe consorte, intervir na direcção dos negocios do Estado.

Concedendo a demissão do ministerio, a Regente antecipou um facto inevitavel quando se reunisse o parlamento; e, ou porque não confiasse no partido liberal, ou para não se arriscar a dissolver a Camara naquella situação melindrosa, entregou-se, resolutamente, a um chefe conservador cujos precedentes asseguravam firme e prompta execução de um programma de governo de accôrdo com as circumstancias.

O novo ministerio se erguia, no scenario politico, como terrivel ameaça aos reaccionarios; continha paladinos provados em gloriosas campanhas, como Vieira da Silva, Thomaz Coelho, Antonio Prado e Ferreira Vianna, politico e apostolo, capaz de todas as bravuras, sob a rija coiraça de oiro e aço, onde scintillavam, em irradiações exóticas, os fulgores da fé, as chispas das convicções politicas numa fusão encantadora de mysticismo e liberdade. A fama desses combatentes

vaticinava o successo inevitavel da batalha decisiva, que ia ser ferida. E, por isso, mais intensas se tornaram as explosões de odios crueis; mais se accentuaram as manobras desesperadas dos refractarios, apavorados diante do victorioso espirito de abolição, penetrando as fazendas e despertando senzalas, asphixiando nos seus tradicionaes reductos a instituição aviltante: era a luz invadindo os antros.

A marquezia percebeu, nitidamente, a conjuncção. Não havia tempo para hesitações, nem podia resistir aos nobilissimos impulsos de seu coração. Depois de uma longa conferencia com o padre Paulo, Sergio de Lima e o dr. Sumer, aos quaes transmittiu todas as revelações de d. Eugenia, deliberou desfechar o golpe, havia muito tempo premeditado e contido pelo receio de não provocar uma perturbação de ordem, naquella zona dominada por fazendeiros intransigentes, capazes de todos os excessos para defenderem a sua propriedade agonisante.

— S. ex., senhora marquezia — ponderou o padre — sabe que, como sacerdote de uma religião de amor, de caridade, não devo encobrir as minhas idéas abolicionistas, e a minha consciencia me impede de oppôr restricções a um tão bello movimento que Deus recompensará. Devo, entretanto, chamar a attenção de v. ex., para a gravidade dessa resolução, cujos effeitos não poderemos prevêr. Esses desalmados são capazes de tudo. Eu lhe conheço as manhas: não serão capazes de aggressões francas, mas.

— A minha opinião — interrompeu Sergio de Lima — com o respeito devido ao venerando amigo, é que nos devemos antecipar nas fileiras dos vencedores do dia d'amanhã, quaesquer que sejam as consequencias: será um fiasco fazer, em virtude de uma lei, aquillo que poderíamos ter feito, espontaneamente, por um impulso do coração...

— Muito bem — apartou Hortencia, que esperava, ao piano, o termo da conferencia para continuar um estudo interrompido.

Sergio de Lima agradeceu-lhe com um olhar embaciado de ternura, e voltou-se para o dr. Sumer, com um gesto de interrogação.

— A minha opinião — disse sem hesitar, o engenheiro — é que a resolução não prejudicará absolutamente os trabalhos e a ordem da usina. Os poucos escravos que aqui trãbalham não se lembram mais da escravidão.

A marquezia approvou com um aceno da bella cabeça, e concluiu;

— Está resolvido de accôrdo com a maioria.

Hortencia, num impeto de alegria, executou o preludio do hymno nacional e, de um salto, abraçou a marquezia, beijando-lhe muitas vezes as

faces, como ella beijára o defuncto marquez, alguns annos antes.

Em vão, Sergio de Lima encareceu ao manhoso padre o extraordinario merito desse acto que o destacaria aos olhos de Sua Alteza e do governo, em cujo programma deveria figurar a multiplicação dos bispados, além de outras vantagens que a piedade da Regente asseguraria ao clero: o padre não se demoveu da obstinada recusa. As boas obras, como as virtudes, não necessitavam do alarde da publicidade: bastava que Deus, o supremo juiz infallivel, as comprehendesse e recompensasse com os dons da sua infinita misericordia.

—Pois a mim—retrucou a marquezia, não me impressionam as consequências. E para proval-o vou convidar os nossos vizinhos para a festa com que vou commemorar o caso. Tu, Hortencia, expedirás, immediatamente os convites.

O padre, erguendo para o tecto, olhos piedosos, lamentava em compungido recolhimento mental, o que elle, intimamente, estava convencido de ser um acto de ousadia louca daquella senhora vibrátil e caprichosa como uma adolescente, ainda não provada pelas asperzas da realidade: ella e Hortencia pareciam da mesma idade e não ser a marca implacavel dos fios de prata que deslisavam já através da densa trama revôlta dos magníficos e opulentos cabellos. Ao menos, louvado Deus, os caprichos lhe davam para o bem.

No dia seguinte, o nucleo colonial amanheceu embandeirado. Os sinos da capella repicavam freneticamente; rouqueiras e fogueiras estoiravam sem cessar; e diante do palacio se agglomerava a multidão de trabalhadores, colonos, libertos e o povo de lavradores, atraídos pela noticia do extraordinario acontecimento que, na opinião do vulgo era devido a uma ordem da Rainha, mandando libertar todos os escravos.

Gião se absteve dos festejos. Como representante genuino da junta do coice, recalrava o seu rude despeito, ficando em casa, a pretexto de cuidar dos negocios da venda, naquelles dias muito rendosos. Todo o enthusiasmo daquelles malucos vinha procurar incentivo nos copinhos de paraty, que elle e a Coleta não tinham mãos a medir. tão extraordinaria era a concurrencia de freguezes. Os proprios moleques da fazenda, seus subordinados, fôram beber irreverentemente, affrontando no primeiro dia de liberdade, o antigo e terrivel feitor.

—Vamos, seu galêgo — exclamou um delles—passa um trago da branca.

O felpudo peito do portuguez arfou com violencia; uma congestão de colera inpotente lhe rouxeou as faces barbadas, e com um gesto violento elle tirou o relho pendente a uma das pra-

telheiras, como symbolo do seu poder; mas o moleque esgueirou-se por entre um grupo de freguezes, proferindo injurias obscenas.

—E' isso--- murmurou Gião, fulo de raiva --- é isso que os senhores estão vendo. Avaliem o que será mais tarde. A patrão perdeu de todo a cabeça com os conselhos daquelle padre e os palavreados do tal doutorsinho, que anda a farejar a pequena, pensando que ella ha de metter o dente nos cobres cá da casa. Só cegos não vêem esse derriço, que já está cheirando a pouca vergonha. Eu, emfim, nada tenho com isso: que se arranjem e depois não se queixem das maluquices.

Não fui ouvido nem cheirado, eu que sempre fui o tombo da casa do defuncto marquez, que Deus tenha em gloria, mais por amizade do que por interesse; eu, um servidor fiel, com quem ella sempre se achou nos momentos difficeis... Emfim... seja tudo pelo amor de Deus. Quando isto me aborrecer, pego em mim, na Colleta, e nos filhos e ponho-me a andar aonde me reça mais... que aqui já dei o cacho...

Pelo cair da tarde começaram a chegar as carruagens, *break*, carregados de familias da visinhança, cavalleiros garbosos accudindo ao convite da marquezia. Com surpresa do padre Paulo, estavam allí os fazendeiros mais refractarios á abolição, os quaes, ou dominados por favôres de ordem financeira prodigamente feitos em momentos de apêrtos, que eram mui frequentes, ou pelo calculo de se não mostrarem despeitados e inferiores ao desafio que lhe fôra lançado, não se recusaram a render homenagem á opulenta visinha pelo seu acto de beneficencia: a presença delles era um méro acto de cortezia, que nada tinha com os seus principios e as suas idéas politicas inabalaveis. Todos elles, apezar dos pronunciamentos da imprensa da côrte da certeza inequivoca acerca do programma do novo gabinete, acariciavam a esperança de que a Regente, quando comparecesse em maio ao parlamento, não ousasse defrontar o problema com uma medida radical e confiavam que a assembléa nacional, na extrema contingencia de ceder aos votos da corôa, concedesse a abolição mediante indemnisação e outros favores reclamados pelas precarias condições da lavoira. Cotegipe e Paulino, reunindo os fortes contingentes do elemento conservador, tinham ainda bastante prestigio para salvar o paiz da crise ameaçadora.

A marquezia os recebeu com a habitual amabilidade fidalga, multiplicando-se em carinhos, que captivavam os mais rebarbativos, que não poderam conter ligeiras insinuações ao pernicioso exemplo que ella dava, desapiedadamente, sem a menor consideração aos interesses daquella zona de terras ainda cultivadas pela escrava-

tura, pela sorte dos amigos, cujos havêres estavam todos comprometidos pela escassez de braços, em progressão assustadora.

Mas, a profusão do banquete desanuveou os espiritos, suffocando as inuteis expansões sobre a politica. A sobremeza, dir-se-ia não haver mais dissidentes: beberam todos pela saúde da marquezia, quando o padre Paulo, animado pela attitudo pacifica dos fazendeiros concretisou um brinde nestas palavras eloquentes: « Uma mulher esmagára a cabeça da serpente, outra mulher esmagaria a hydra da escravidão. A marquezia de Uberaba era a precursôra desse facto providencial ».

Passado o mez de abril, sem incidentes, chegou o momento, esperado com verdadeira anciedade. Reunira-se a assembléa geral e a situação se desenhára, nitidamente, com a falla do throno, a representação do ministerio, e o projecto de extincção da escravidão no Brazil, recebido com ruidosas aclamações no recinto da Camara, nas ruas da capital, repercutindo nas provincias, no interior do paiz, como se a alma nacional se erguêsse ao éco do grito de redempção, e, por fim, transformado em lei, tendo, apenas, uma fragil contestação dos representantes do Rio de Janeiro.

No dia em que chegaram os jornaes noticiando as festas extraordinarias em honra da Regente e o enthusiasmo popular desbordante em manifestações estrondosas, a colonia foi abalada pelo alarma de incendio no cannavial que se estendia como um mar ondulante no valle, ao longo do rio. Ao longe, por trás de um outeiro doirado pelo sol cadente, subiam bulcões de fumo negro. A marquezia mandou preparar o *break* e partiu com Hortencia para o sitio do sinistro, onde encontraram o dr. Sumer, commandando todos os operarios em lucta desesperada com o fôgo devastador. Não havia esperança de salvação porque o fôgo irrompêra de diversos pontos, e avançava em trombas de fumo e chamma, como columnas de um exercito invisivel, diabolico. As caunas se contorciam, como se fôssem arrancadas pelas raizes em toiceiras, agitando loucamente as folhas vêrdes, o pennacho dos pendões, e estalando rebentadas, num crepitar de tiroteio. Chammas ageis subiam e desciam pelos troncos das arvores collossaes, conservadas no cannavial, ou se enrolavam nelles como serpentes lambendo-lhes numa ancia devoradora o cerne rijo e ennegrecido. E, por fim, como gigantes fulminados, ellas tombavam com estrepito no meio do brazeiro enorme, levando densa nuvem de fumo onde dansavam doidejantes myriades de fagúlhas perdendo-se no espaço em particulas carbonisadas que o vento levava para a floresta

proxima. O dr. Sumer, penetrando afoitamente o brazeiro á frente dos seus homens, e Gião, por sua vez, commandando um troço de portuguezes, erão, por vezes, envolvidos pelo inimigo traiçoeiro, e recuavam cortando, abatendo a foice e a machado tudo quanto pudesse alimentar o incendio, deliberando, por fim, preservar a matta, isolando-a.

A marquezia, de um pequeno morro, observava, afflicta aquelle pavoroso espectáculo, a onda ignivoma, percorrendo o valle numa furia de féra, avançando, recuando ousada, resoluta, vacillante, como se executasse manobras de uma tactica sinistra, desaparecendo quasi extincta, desfallecida e surgindo além mais vigorosa, mais intensa, e deixando na superficie da terra desolada um rastro de cinzas negras, onde as lufadas abriam sulcos, erguendo a poeira encandescente. De concerto com o ruido das arvores que tombavam, ella ouvia o barulho das vózes dos trabalhadores, o ruido sonoro dos machados, mordendo cutilantes so troncos duros para abrir o asseiro entre o cannavia destruido e a floresta que podia ainda ser salva. Ella admirava o valor daquelles homens indifferentes á fadiga, ao calor infernal, irradiante da tremenda combustão, aos novêllos de fumo que os suffocavam, ás fagulhas que lhes sapecavam os pés, as mãos, os rostos, e animando-se com brados de alegria e de chacóta. E ella pensava que toda a exuberante riqueza daquella terra fecundada pelo seu genio, pelo seu esforço, estava naquelle momento, de pendente da bravura daquelles homens, daquelles humildes heróes, prestes a succumbirem extenuados numa pelêja desigual.

Quando o sol desapareceu, a brisa mudou de quadrante, e começou a arrastar o fogo para o lado do rio. Os turbilhões de fumaça corriam uns após outros, desfazendo-se despedaçados, desgrenhados, rôtos, como se se retirassem, em confusão, ao latego do vento triumphante. Os homens do dr Sumer puderam, graças a essa intervenção providencial, concluir o trabalho de isolamento da floresta e das plantações adjacentes.

Hortencia, que se approximára mais do incendio, regressou e contava-lhe, animada e cheia de enthusiasmo, as peripecias do combate, emquanto a carruagem rodava para o palacio. A

marqueza, porém, acabrunhada pelo espectáculo horrendo que lhe combalira os nervos, mal podia attendel-a tal era a super-excitação que lhe perturbára todo o organismo.

Dias depois, serenados o espirito e o corpo, ella soube pelo dr. Sumer que o incendio fôra ateado por mãos criminosas de alguns colonos perversos, imbuidos das idéas de pan-destruição. Resolveu, então, abandonar a rôça. Entregou a administração da colonia ao americano, e partiu para a côrte, donde se afastára havia tantos annos. O motivo dessa resolução subita foi a urgencia de consultar um especialista: não queria que se lhe lançasse em rosto ter abandonado por cobardia a sua obra, o trabalho regenerador de demonstrar, com a eloquencia dos factos, os modernos processos de cultura, as vantagens da substituição do escravo pelo colono, e os efeitos salutaes do nucleo industrial consagrado a Izabel, a Redemptora.

(Continúa)

## O THEATRO

Bom dia, senhores ! Permitti que eu vos tire o chapéo de novo, permitti que de novo eu vos aparte a mão. Já nenhum de vós se lembra da côr do meu chapéo, já ninguem se recôrda da grossura dos meus dedos. E' natural. Dizem por ahi os que não são mysticos, que a ausencia ensombra tudo. Creio. Os dias que passei sem vos mostrar a minha caraça, apagaram, sem duvida, da memoria dos que me conheceram, a imagem dessa caraça. Apagaram ou ensombraram. Si apagaram, eil-a de novo acêsa, si ensombraram, eil-a novamente desanuviada, ao sol, mandando-vos aqui do corredôr desta columna os meus respeitos, o meu chapéo amavel, o meu aperto de mão amigo.

Não vos quero contar a historia da minha ausencia. E' tragico, e tenho receio que os vossos olhos se ensópem d'agua, que a nossa alma enternêça e chóre. E que eu chóre tambem ; tenho o coração de sensitiva e não posso vêr ninguem chorar por mim que não caia num berreiro enorme. Temperamento, pura questão de temperamento. Não sou como o poeta que soffre menos, quando vê alguém soffrer por elle.

Mas... talvez não ficasse mal a tragedia da minha historia. Esta columna é de theatro ; a tragedia, si não me falla a lembrança, é coisa de theatro.

A questão aqui, porém, não é de tragedia, é do tamanho da tragedia. E' uma historia muito comprida, que principia aqui e váe acabar além, começa em Adão e termina em nossos dias. Ou nos meus dias, a coisa deu-se comigo. Mas, não conto a historia, não. Tenho receio que todas as dezeseis paginas desta revista sejam escassas para contal-a.

Vamos, porém, ás outras historias, ás historias alheias.

Todo o meu desejo, agóra, era contar alguma coisa do *Mambembe*. Mas, é impossivel. Não vi o *Mambembe* ainda. Não preciso dizer o porquê. Já todo o mundo sabe que houve arrelia na minha vida, occupaões em jôrro e um jôrro de vira-voltas. Mas, prometto e juro que a primeira occasião é tua, leitor amigo. A primeira chronica será para ti e para o *Mambembe*.

Hoje não te posso falar em nada. O abraço que o Walfrido, secretario cá da casa, me deu ao vêr-me novamente, deixou as minhas costellas em máu estado, e a abundancia de materia, preciosa e rara, que os *Annaes* vão tendo, faz que o Walfrido me esteja a insistir, por detráz da minha cadeira, que seja breve neste numero. Far-lhe-ei a vontade. Na edição futura, farei a minha, contando o que por ahi anda, pelos palcos. Mesmo agóra não ha novidade a se falar.

Ha uma : a chegada da Lucinda Simões. E' pena que o auctor desta columna não tenha por ahi uma festonada de adjectivos cambiantemente coloridos para multicolorisar a ribaltá desta chronica ; é pena que a admiracão não se próve por meio de palavras. Si eu aqui deixasse escorrer o filête de uma lagrima, uma lagrima de alegria pela chegada da luminosa artista de além-mar, muita gente por ahi diria que eu tinha perdido a minha composutura. A lagrima, por mais grossa que seja, é sempre feminina para um homem. Não chóro, mas curvo com respeito a cabeça.

Outra chegada ainda: a do Eduardo Victorino. Entrou pelo Lucinda manipulando as afamadas *Pilulas de Hercules* e está agóra mandando levar o *Bode Expiatorio*. E váe-nos deixar com agua na bocca : por aqui passa de carcereira e váe sul abaixo, em busca de outros palcos.

E até quinta-feira que vem.

JUSTUS JUNIUS.

## THEORIA DOS ERROS

(PRIMEIRAS NOÇÕES)

Designemos por

$$\frac{\eta}{o} \text{ e } \frac{m}{o}$$

o erro provavel e o erro médio da media. As fórmulas relativas a esses elementos, já deduzidas anteriormente, auctorizam-nos a escrever

$$\frac{h}{o} \eta = h \eta = 0.47693\dots$$

$$\frac{m}{o} h = m h = \frac{1}{\sqrt{2}}$$

e como tínhamos achado

$$\frac{h}{o} = h \sqrt{n}$$

n sendo o numero das observaões, virá

$$\frac{\eta}{o} = \frac{\eta}{\sqrt{n}} \cdot \frac{m}{o} = \frac{m}{\sqrt{n}}$$

Assim, o erro a temer na média não decresce proporcionalmente ao numero das observaões, sim á raiz quadrada desse numero. Caso das observaões de peso desigual — Sejam

$$\frac{x}{1} \quad \frac{x}{2} \quad \dots \quad \frac{x}{n}$$

n medidas effectuadas directamente mas que não inspiram igualmente a mesma confiança.

Isto equivale a dizer que o erro médio de  $x$  é em geral diferente do erro médio de  $x$ . Designemos por  $h_1, h_2, \dots, h_n$  os módulos de precisão das medidas obtidas e sejam  $p_1, p_2, \dots, p_n$  as probabilidades respectivas dos erros  $\Delta_1, \Delta_2, \dots, \Delta_n$  que as affectam. Chame-mos, por outro lado,  $x$  um valor sobre o qual se contam esses erros. Teremos

$$\Delta_1 = x - x_1$$

$$\Delta_2 = x - x_2$$

$$\Delta_n = x - x_n$$

$$p_1 = \frac{h_1}{\sqrt{x}} e^{-\frac{h_1^2}{2}(x-x_1)^2}$$

$$p_2 = \frac{h_2}{\sqrt{x}} e^{-\frac{h_2^2}{2}(x-x_2)^2}$$

$$p_n = \frac{h_n}{\sqrt{x}} e^{-\frac{h_n^2}{2}(x-x_n)^2}$$

A probabilidade da occorrença de todos os erros será

$$P = p_1 p_2 \dots p_n = \frac{h_1 h_2 \dots h_n}{\sqrt{x}^n} e^{-\frac{h_1^2}{2}(x-x_1)^2 - \dots - \frac{h_n^2}{2}(x-x_n)^2}$$

O maximum de  $P$  corresponde ao minimum de

$$\frac{h_1^2}{2}(x-x_1)^2 + \frac{h_2^2}{2}(x-x_2)^2 + \dots + \frac{h_n^2}{2}(x-x_n)^2$$

e, portanto, a

$$h_1(x-x_1) + h_2(x-x_2) + \dots + h_n(x-x_n) = 0$$

d'onde o valor mais provavel de  $x$

$$x = \frac{h_1^2 x_1 + h_2^2 x_2 + \dots + h_n^2 x_n}{h_1^2 + h_2^2 + \dots + h_n^2}$$

Façamos

$$\frac{h_1}{1} = a p_1$$

$$\frac{h_2}{2} = a p_2$$

sendo um coefficiente de proporcionalidade. Teremos

$$x = \frac{p_1 x_1 + p_2 x_2 + \dots + p_n x_n}{p_1 + p_2 + \dots + p_n}$$

Designemos por

$$\begin{matrix} a, b & k \\ 1 & 1 & 1 \\ a, b & k \\ 2 & 2 & 2 \\ \dots & \dots & \dots \\ a, b & k \\ n & n & n \end{matrix}$$

grandezas ficticias, as de indice 1 sendo em numero  $p_1$  as de indice 2 em numero  $p_2$  e finalmente as de indice  $n$  em numero  $p_n$

Podemos imaginar que essas grandezas correspondam a medidas virtualmente effectuadas com o mesmo grau de precisão.

Façamos

$$\begin{matrix} p_1 x_1 = a + b + \dots + k \\ 1 & 1 & 1 & 1 & 1 \\ p_2 x_2 = a + b + \dots + k \\ 2 & 2 & 2 & 2 & 2 \end{matrix}$$

$$p_1 x_1 = a + b + \dots + k$$

A media converte-se em

$$x = \frac{a + b + \dots + k + a + b + \dots + k + \dots + a + b + \dots + k}{p_1 + p_2 + \dots + p_n}$$

o que equivale a suppor que  $x_1, x_2, \dots, x_n$  são médias de observações ficticias de igual precisão.

$p_1, p_2, \dots, p_n$ , por causa da analogia entre a expressão da media e a formula barycentrica, são denominados os pesos das observações  $x_1, x_2, \dots, x_n$

Assim têm-se

$$x = \frac{\sum a}{\sum p} \quad x = \frac{\sum a}{\sum p} \quad x = \frac{\sum a}{\sum p}$$

por uma notação facil de comprehender.

Chamando  $m_1, m_2, \dots, m_n$  os erros medios de  $x_1, x_2, \dots, x_n$  e  $f$

o erro médio de uma observação ficticia, obtêm-se

$$m_1 = \sqrt{\frac{f}{p_1}}$$

$$m_2 = \sqrt{\frac{f}{p_2}}$$

$$m_n = \sqrt{\frac{f}{p_n}}$$

Comparando-as com

$$\frac{h_1}{1} = a p_1$$

$$\frac{h_2}{2} = a p_2$$

$$\frac{h_n}{n} = a p_n$$

acham-se

$$\frac{h_1 m_1}{1} = a f$$

$$\frac{h_2 m_2}{2} = a f$$

$$\frac{h_n m_n}{n} = a f$$

em que o segundo membro é, como se sabe,  $\frac{1}{2} f$  permanece desconhecido.

A introdução dos residuos permite obter uma formula asymptotica para  $f$ , sufficiente na pratica.

Sejam, pois,

$$\begin{matrix} x_1 - x = \gamma \\ 1 & 1 & 1 \\ x_2 - x = \gamma \\ 2 & 2 & 2 \end{matrix}$$

$$\begin{matrix} x_n - x = \gamma \\ n & n & n \end{matrix}$$

Façamos, por outro lado,

$$\begin{matrix} a - x = \alpha \\ 1 & 1 & 1 \\ b - x = \beta \\ 1 & 1 & 1 \end{matrix}$$

$$\begin{matrix} a - x = \alpha \\ 2 & 2 & 2 \\ b - x = \beta \\ 2 & 2 & 2 \end{matrix}$$

$$\begin{matrix} a - x = \alpha \\ n & n & n \\ b - x = \beta \\ n & n & n \end{matrix}$$

Teremos por uma formula já estabelecida

$$f = \sqrt{\frac{a + \beta + \dots}{1}} = \sqrt{\frac{a + \beta + \dots}{2}} = \dots$$

$$= \sqrt{\frac{a + \beta + \dots}{n}} \quad \text{ou}$$

$$(p-1) f = a + \beta + \dots$$

$$(p-1) f = a + \beta + \dots$$

$$(p-1) f = a + \beta + \dots$$

Façamos ainda

$$a - x = A \quad b - x = B \quad \dots$$

$$a - x = A, \quad b - x = B, \quad \dots$$

$$a - x = A \quad b - x = B, \quad \dots$$

Teremos

$$f = \sqrt{\frac{A + B + \dots + A + B + \dots}{p + p + \dots + p - 1}}$$

$$(p + p + \dots + p - 1) f = A + B + \dots + A + B + \dots + A + B + \dots$$

Mas, em virtude de convenções feitas, tem-se

$$a + x - x = A, \quad \beta + x - x = B$$

$$a + x - x = A, \quad \beta + x - x = B$$

$$\text{ou} \quad a + \gamma = A, \quad \beta + \gamma = B$$

$$a + \gamma = A, \quad \beta + \gamma = B$$

$$a + \gamma = A, \quad \beta + \gamma = B$$

D'ahi conclue-se

$$A + B + \dots + A + B + \dots + A + B + \dots =$$

$$= a + \beta + \dots + a + \beta + \dots + \dots + a + \beta + \dots +$$

$$+ p\gamma + p\gamma + \dots + p\gamma$$

por serem

$$\Sigma a = \Sigma a = \dots = \Sigma a = o$$

A equação acima dará por substituições

$$(p + p + \dots + p - 1) f = (p-1) f + (p-1) f + \dots + (p-1) f +$$

$$+ p\gamma + p\gamma + \dots + p\gamma$$

d'onde

$$f = \sqrt{\frac{[p\gamma^2]}{n-1}}$$

Nota sobre a formula de Stirling. O methodo mais simples para estabelecer uma expressão asymptotica da factorial

é, parece-nos, o seguinte.

Sabe-se que, por definição, é

$$\Gamma(n+1) = \int_0^\infty e^{-x} x^n dx = n \Gamma(n)$$

$\Gamma(n)$  sendo a função enleriana de segunda especie. Tem-se, pois,

$$\Gamma(n+1) = n!$$

n sendo inteiro e positivo. Trata-se de achar um valor aproximado para n immensamente grande. Consideremos o logarithmo

$$1. \left(1 + \frac{x}{n}\right)$$

e desenvolvamos em serie. Teremos

$$1. \left(1 + \frac{x}{n}\right) = \frac{x}{n} - \frac{x^2}{2n^2}$$

despresando termos de terceira ordem, por ser n immensamente grande. Conclue-se, portanto,

$$\left(1 + \frac{x}{n}\right) = e^{\frac{x}{n} - \frac{x^2}{2n^2}}$$

$$\text{ou}$$

$$n^{-1} (n+x) = e^{\frac{x}{n} - \frac{x^2}{2n^2}}$$

$$\text{ou}$$

$$n^{-n} (n+x)^n = e^{\frac{nx}{n} - \frac{x^2}{2n}}$$

e d'ahi

$$n^{-n} e^{nx} e^{-\frac{x^2}{2n}} (n+x)^n = e^{-\frac{x^2}{2n}}$$

Multipliquemos por dx ambos os membros e integremos de  $-\infty$  a  $\infty$ . Ficarã

$$n^{-n} e^{nx} \int_{-\infty}^{\infty} e^{-(n+x)} (n+x)^n dx = \int_{-\infty}^{\infty} e^{-\frac{x^2}{2n}} dx.$$

Façamos

$$n+x = z$$

e teremos:

para  $x = \infty$  é  $z = \infty$

para  $x = -\infty$  é  $z = n - \infty$ , valor que se póde considerar tendendo para zero, pois que n é immensamente grande.

A integral se converterã no seguinte

$$n^{-n} e^{nx} \int_0^\infty e^{-z} z^n dz = \int_{-\infty}^{\infty} e^{-\frac{x^2}{2n}} dx.$$

ou

$$n^{-n} e^{nx} \Gamma(n+1) = \int_{-\infty}^{\infty} e^{-\frac{x^2}{2n}} dx.$$

Fazendo

$$\frac{x}{\sqrt{2n}} = t$$

virã

$$\Gamma(n+1) = n^{-n} e^{-n} \int_{-\infty}^{\infty} \sqrt{2n} e^{-t^2} dt$$

d'onde

$$n! = n^{-n} e^{-n} \sqrt{2n\pi}$$